

A REVITALIZAÇÃO DO ACERVO PEREIRA LINS: UMA PARCERIA PELA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DA CULTURA EM DOURADOS/MS

Área temática: Cultura

Coordenadora da ação: Thissiane Fioreto¹

Autora: Nattiele Vieira de Lima²

O projeto *Revitalização do Acervo Pereira Lins* é uma ação de Extensão com ônus, cadastrada na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que foi idealizado e é realizado a partir da parceria entre o Curso de Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) e a Coordenadoria de Serviços de Biblioteca da UFGD – (CSB/TRT/UFGD). Ele nasceu da necessidade de preservar a memória e a cultura da cidade de Dourados, mediante a preservação da coleção pessoal do Professor José Pereira Lins, importante figura da história educacional e cultural do Mato Grosso do Sul, que foi adquirida pela UFGD em 2009. Sendo assim, essa ação tem como objetivo padronizar, organizar, resguardar e divulgar a coleção, proporcionando à comunidade acadêmica e à comunidade da cidade de Dourados/MS um contato direto e efetivo com os livros, bem como pretende também oportunizar e incentivar projetos de pesquisa que tenham como fonte de informação as obras disponíveis na coleção. No que diz respeito ao trabalho técnico, a metodologia adotada é aquela aplicada às coleções e prevê as etapas de triagem dos itens por tipo de materiais (bibliográficos, discos, periódicos e outros); identificação de possíveis raridades; levantamento quantitativo de títulos e de exemplares que a coleção contempla; higienização do material; registro em planilha; carimbagem/ identificação de propriedade. Este trabalho é executado pela bolsista de extensão do projeto e é acompanhado por um profissional bibliotecário vinculado à CSB/TRT/UFGD. Além desse trabalho técnico, o acervo tem sido divulgado e disponibilizado à comunidade por meio de visitas dos alunos de escolas da rede pública de ensino de Dourados à Biblioteca Central da UFGD, numa tentativa de preservar a memória do Professor Lins junto à comunidade e, ao mesmo, proporcionar uma aproximação da universidade e da comunidade escolar local.

Palavras-chave: Acervo Pereira Lins, Leitura, Memória, Cultura

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Revitalização do Acervo Pereira Lins” nasceu, inicialmente, da necessidade de organizar, preservar e divulgar o Acervo do Professor José Pereira Lins, adquirido em 2009, pela UFGD, em ocasião de sua morte. Conforme consta no processo de compra, o acervo conta com cerca de 8.000

¹ Doutora em Letras, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, UFGD, thissianefioreto@ufgd.edu.br

²Graduanda em Letras, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, UFGD, natti_vieira@hotmail.com

títulos, incluindo obras raras e de valor inestimável tanto no aspecto cultural quanto histórico, que são praticamente desconhecidos da comunidade acadêmica da UFGD e da comunidade escolar de Dourados/MS. Sendo assim, em parceria com a Coordenadoria de Serviços de Biblioteca da UFGD - CSB/TRT/UFGD, o objetivo do projeto é padronizar, organizar, salvaguardar e divulgar o acervo e, ao mesmo tempo, proporcionar aos envolvidos um contato direto e efetivo com os livros, com os procedimentos de formação de coleção e com as práticas executáveis para a disponibilização dos materiais nos acervos. O projeto tem como principal objetivo, então, disponibilizar o acesso e o consumo às obras do Acervo Pereira Lins, bem como preservar a memória de tão importante figura da comunidade local. Sendo assim, como forma de divulgação, são oferecidas periodicamente palestras e também *visitas guiadas* à comunidade acadêmica da UFGD, sobretudo aos acadêmicos do Curso de Letras e à comunidade escolar de Dourados/MS, com a finalidade de levar a conhecimento externo o processo de formação e desenvolvimento deste acervo bibliográfico e permitir que os discentes, universitários ou não, conheçam e compreendam o valor educacional, histórico e cultural da coleção, valorizem e usufruam da preservação deste acervo.

É importante destacar, ainda, além do aspecto educacional do projeto, sua importância para a preservação da memória e da cultura da cidade de Dourados, que tem na figura do professor José Pereira Lins um de seus expoentes. Sabe-se que não se forma leitores sem o acesso ao livro e que uma instituição voltada à formação humana deve se preocupar em identificar os leitores, suas comunidades e as maneiras de leitura. Desta forma, preservar a coleção particular do professor Lins implica em assegurar que parte da História da Leitura em Dourados seja revitalizada.

Como professor que atuou por mais de 20 anos na cidade, os livros de sua biblioteca particular constituíam o acervo da Biblioteca do colégio Oswaldo Cruz e eram lidos por muitos estudantes douradenses. Diante disso, entendeu-se que ao preservar o acervo, também está se valorizando a memória do professor Lins, um desbravador das Letras douradenses e de todo processo educacional da cidade de Dourados. Além disso, os títulos de seu acervo possibilitam vários projetos de pesquisa, o que contribui para o enriquecimento das pesquisas em Letras da FACALE-UFGD e de outras áreas do saber (pesquisas em Educação, História, Geografia, etc). Sendo assim, o acesso à coleção, compreendido como a “função

arquivística destinada a tornar acessíveis os documentos e a promover sua utilização” (BRASIL, 2005, p.19), é uma atividade importante e necessária.

DESENVOLVIMENTO

Para alcançar os objetivos do projeto e, principalmente, para que seja permitido o acesso da comunidade a essa coleção, foi adotada a metodologia aplicada a tratamento técnico de coleções, conforme orienta Prado (1992), que consiste em um levantamento quantitativo do acervo (títulos e exemplares), a identificação de todo o material com carimbo patrimonial da Biblioteca da UFGD, o tombamento e classificação do acervo de acordo com o tipo de material (bibliográficos, discos, periódicos e outros), a identificação das possíveis obras raras que fazem parte deste acervo, a higienização, assim como pequenas restaurações, e o registro em uma base de dados (planilha), com informações que permitam a busca e localização no acervo, tais como: Data / Tombo / Autor / Título / Vol. / Editora / Ano / Observação. Esta planilha deverá ficar disponível em formato digital (PDF), ao final do projeto, na página da Biblioteca Central, para consulta e divulgação junto à comunidade douradense.

Além do processo técnico do projeto estão sendo realizadas atividades de divulgação dos trabalhos para a comunidade interna e externa da UFGD. Uma ação do projeto foi uma mesa redonda para todos os alunos de Letras em que, na oportunidade, a professora Dra. Alexandra dos Santos Pinheiro contou um pouco da trajetória do Professor José Pereira Lins, compartilhou sua experiência de convivência com ele e também falou do processo de aquisição do acervo, destacando a importância que a coleção tem para sustentar o legado do referido professor. Também os bibliotecários atuantes no projeto falaram aos discentes sobre a composição técnica da Biblioteca e sobre a necessidade da realização do projeto para a Biblioteca Central, visando o cuidado com a coleção.

Outra ação que integra as atividades do projeto de extensão, e talvez o ponto alto do trabalho, é a visita guiada, quando a comunidade pode conhecer toda a estrutura da Biblioteca Central, bem como seu funcionamento e as normas para sua utilização. Foram promovidas visitas guiadas com os calouros do curso de Letras e alunos de escolas da rede pública de Dourados, oportunidade que os

discentes tiveram de entrar em contato com o acervo da biblioteca e, principalmente, com a coleção do Professor Lins

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como o projeto tem a duração de um ano, ainda não é possível elencar resultados finais obtidos, mas é conveniente relatar a experiência da execução do projeto até o momento.

Aconteceram visitas guiadas à biblioteca com os calouros do curso de Letras da UFGD e também com alunos de escolas da rede pública de Dourados (foram convidadas as turmas do Ensino Médio). Durante as visitas guiadas foi interessante observar a reação dos discentes ao conhecer a história do professor José Pereira Lins e, principalmente, poderem conhecer e entrar em contato, principalmente, com os livros da coleção. O sentimento percebido era de admiração e interesse pela figura do professor e pelo tamanho do acervo que ele mantinha em casa. Um fato que chamou a atenção é o fato de muitos dos alunos do ensino médio que participaram das visitas terem interesse em cursar licenciatura e considerarem como primeira opção de universidade a UFGD.

A coleção recebeu vários “visitantes” com o início do projeto e todos ficaram maravilhados com os títulos existentes. Dentre eles, destaco uma pesquisadora da UFMS que procurou a coleção para ter acesso a livros de um escritor sul-mato-grossense que, de acordo com ela, não é encontrado em muitas livrarias.

As atividades realizadas tem sido de grande importância para a formação acadêmica da bolsista diante da oportunidade de agregar outros conhecimentos ao ensino aprendizagem, absorvendo informações importantes mediante o contato com os materiais que formaram o arcabouço do conhecimento do memorável Professor José Pereira Lins. Saber da importância do projeto para a comunidade acadêmica e escolar de Dourados é gratificante e salienta o desejo de contribuir da melhor maneira possível para a realização e efetivação dos objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das etapas já contempladas durante o desenvolvimento do projeto, principalmente durante a triagem inicial, foram encontrados itens considerados raros e de valor inestimável, tais como:

- *Os Lusíadas*, de Luis de Camões. Edição comemorativa do terceiro aniversário da morte do grande poeta, publicada no Porto por Emilio Biel. Além dessa edição, a biblioteca tem mais treze edições da referida obra, sendo uma delas uma edição fac-similar da primeira edição do livro;
- Obras completas de Gil Vicente, em 6 volumes, que contêm os 48 livros de “Autos”, “Farsas”, “Comedias”, escritas de 1502 a 1536, segundo os originais do autor e editados em Lisboa por Sá da “Costa Edotores”. Contêm gravuras da época e são fartamente comentados por ilustres filólogos;
- *Cantigas D`Escarnios e de mal dizer*, dos cancioneiros medievais galego-portugueses. Edição crítica e vocabulário, editado em Portugal.

A lista segue com coleções completas das obras de Wilson Martins, Afrânio Coutinho, Machado de Assis, Victor Hugo, um diversificado número de livros de poesia e de crítica Literária. É provável que, com a realização das próximas etapas do projeto, sejam encontradas mais obras consideradas raras e também itens valiosos para pesquisa.

Entre os itens existentes na coleção existem cerca de 520 discos que já passaram pela triagem, catalogação e higienização, aguardando os próximos procedimentos.

As atividades de divulgação tiveram papel efetivo e importante para o projeto tendo em vista que o fluxo de pessoas que procuraram a coleção aumentou significativamente. Entre esses visitantes estão pesquisadores de pós-graduação, não apenas de Dourados ou da UFGD, professores e alunos da graduação e também docentes da rede pública de ensino, que foram atraídos pelas visitas guiadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

PRADO, Heloisa de Almeida. Organização e administração de bibliotecas. 2. ed. São Paulo: T. A. de Queiroz. 1992.

A TRAJETÓRIA DOS *LOS PANTANEIROS*: DE UM PROJETO DE EXTENSÃO A UM GRUPO GINÁSTICO CIRCENSE

Área Temática: Cultura

Rogério Zaim-de-Melo¹

Abilene Cáceres Viana, Patrick Aparecido Ferreira de Souza, João Pedro de Andrade², Sarita de Mendonça Baciotti³, Rogério Zaim de Melo

RESUMO

A arte circense exerce fascínio a todos, para quem assiste, sensações de euforia e riso solto, para quem a pratica, a possibilidade de ultrapassar limites. O projeto de extensão (Ginástica Geral e Atividade Circense) se apoia nessas premissas e foi criado com o objetivo de propiciar a extensionistas a experimentação do seu corpo na realização de habilidades motoras da Ginástica nos mais diversos planos; o estudo e a vivência de modalidades circenses de manipulação; e a democratização da arte circense. Teve como ação indireta a criação dos “*Los Pantaneiros*”, um grupo de Ginástica Geral e Circo. O presente texto tem a intenção de apresentar de forma descritiva o processo de criação do grupo “*Los Pantaneiros*” e sua trajetória no Campus do Pantanal da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, apresentando uma linha cronológica dessa trajetória. *Los Pantaneiros* possuem atualmente trinta componentes, com atividades que envolvem preparação física e cênica, abertos a novos membros da comunidade interna e externa da Universidade.

Palavras-chave: Circo; Ginástica Geral, Arte Circense.

1. INTRODUÇÃO

A história do circo se confunde com a história do homem, na antiguidade o “*panis et circenses*” era parte integrante do cotidiano das pessoas. Com a Idade Média, surgem as companhias itinerantes, os “saltimbancos”, e posteriormente o circo de picadeiro. Esses saberes durante muito tempo foram marginalizados e eram vistos sem nenhum cunho educativo. No final do Século XX essa situação começa a ser

¹ Professor da UFMS/CPAN, coordenador da ação de extensão: Ginástica Geral e Atividade Circense, edital Ext/2018

² Acadêmicos de Educação Física da UFMS/CPAN, membros do Grupo Los Pantaneiros

³ Professora da UFMS/CPAN, vice-coordenadora da ação de extensão: Ginástica Geral e Atividade Circense, edital Ext/2018

modificada, grupos de estudos e pesquisa passam a revisitar as atividades circenses, olhando-as com intuito educativo. Esse movimento inicia-se no Brasil com o Grupo “Circus”, da Universidade Estadual de Campinas e paulatinamente vai se expandindo por todo o país.

A arte circense deve ser tratada no contexto educacional, como um saber, relativo à cultura e ser trabalhada com os alunos com o objetivo de compreender, valorizar e apropriar-se desta manifestação, através de uma abordagem que possibilite aos mesmos descobrir suas possibilidades físicas e principalmente expressivas (CLARO; PRODÓCIMO, 2005).

As atividades circenses tiveram a adesão de muitos extensionistas no Campus do Pantanal (CPAN) nos anos de 2011 a 2014, com a implantação de três ações de Extensão: 1) redescobrimo o circo como projeto pedagógico; 2) da lona do circo aos muros da escola; e 3) Grupo Circense Universitário. Tais projetos refletiram na prática de muitos egressos e o “circo” passou a ser utilizado em suas ações docentes, democratizando o acesso à arte circense. Também como consequência, foi fundada em Corumbá-MS uma escola de circo. Diante desse contexto se fez necessário retomar a discussão sobre a arte circense, dando origem a uma nova ação de extensão no Campus do Pantanal: o projeto Ginástica Geral e Atividade Circense, que conta com apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte (PROECE/UFMS), com o intuito de propiciar aos extensionistas a experimentação do seu corpo na realização de habilidades motoras da Ginástica nos mais diversos planos; o estudo e a vivência de modalidades circenses de manipulação; e a democratização da arte circense.

O projeto Ginástica Geral e Atividade Circense está em andamento, com atividades em dois polos: um no CPAN, com aproximadamente 30 participantes e outro no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Corumbá com 20 participantes. Cada polo tem dois encontros semanais com duração de 2 horas cada.

O presente texto tem o objetivo de apresentar o processo de criação do grupo *Los Pantaneiros* e sua trajetória no Campus do Pantanal da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

2. A GINÁSTICA GERAL E A ATIVIDADE CIRCENSE

O *start* inicial da ação de extensão após a divulgação foi uma apresentação dos fundamentos da ginástica, os movimentos acrobáticos e suas relações com o circo. As atividades circenses e a ginástica têm em comum a educação corporal, sendo a ginástica modalidade mais rígida devido ao seu caráter competitivo e as atividades circenses uma modalidade com maior liberdade de expressão, utilizando muitas vezes movimentos desconstruídos (SILVEIRA, SILVA E CASTRO, 2008).

A semelhança entre as ginásticas e o circo ficam evidentes, quando colocamos lado a lado os domínios corporal e espacial. No que concerne ao domínio do corpo, temos as acrobacias (rolamentos, apoio invertido e mortais) e no domínio de diferentes espaços, temos na ginástica artística, os voos nas barras (fixa, paralelas e assimétricas), os exercícios de força nas argolas e nas artes circenses, as acrobacias aéreas, na corda lisa, no trapézio (fixo e ao voo), no tecido acrobático (XAVIER et al., 2005).

Optou-se nos encontros iniciais por um trabalho de consciência corporal, percepção de contração e relaxamento muscular, segurança e confiança no outro. Paulatinamente, foram introduzidos os elementos acrobáticos: rolamento para frente, rolamento para traz, parada de mãos, estrela e rodante. Após o domínio desses elementos foram realizadas algumas atividades em duplas, rolamento e estrela em dupla, bandeiras, segunda altura e exercícios de equilíbrio. Em todo encontro era proposto um desafio corporal para os participantes do projeto (Figura 1).



Figura 1: Desafio duo flexível
Fonte: Acervo do coordenador

A mesma metodologia de trabalho foi empregada nos dois polos do projeto: domínio corporal, elemento acrobático novo e desafio, individual ou em grupos.

3. NASCE LOS PANTANEIROS

Com o passar dos dias e o domínio de habilidades ginásticas básicas, a intensidade nas aulas fora aumentada, ao mesmo tempo, foi encaminhado ao coordenador do projeto de extensão um convite para a participação de um espetáculo, idealizado pela *Vivart* (escola de circo de propriedade de ex-extensionistas de projetos de arte circense da UFMS/CPAN), intitulado “*o circo tem várias caras*”.

A presença ou não no espetáculo não era uma decisão que cabia apenas ao coordenador, o convite fora apresentado e discutido com os integrantes do projeto de extensão, uma vez que fosse aceito, seria necessário um comprometimento maior de todos os envolvidos. Nesse momento o embrião do grupo fora plantado, nascia assim “*Los Pantaneiros*”, com a intenção de levar apresentações de artes circenses em escolas, aberturas de jogos e realizar intervenções em diversos espaços, tais como as dependências da universidade, etc.

Durante dois meses, a primeira coreografia foi sendo construída, utilizando-se de tentativas e erro, um número que mesclava movimentos: ginásticos (os acrobáticos) e circenses (elementos de manipulação e equilíbrio). O desafio era encontrar movimentos que fossem possíveis de serem realizados por todos e também que apresentassem um pouco a arte circense (Figura 2).



Figura 2: Cortejo

Fonte: Acervo do coordenador

O número foi criado com dois momentos distintos: o primeiro com passagens individuais que contemplavam algumas atividades mais circenses como

equilíbrio em perna de pau, equilíbrio em rola bola, equilíbrio em monociclo, malabares com claves e malabares com aros. No segundo momento, foram realizadas atividades em duos acrobáticos (bandeiras, paradas de mão, saltos e rolamentos).

Após a primeira apresentação do grupo surgiram convites para outras apresentações (a abertura dos Jogos Interestaduais dos Institutos Federais do Mato Grosso do Sul, a abertura da copa CPAN e Convenção Pantaneira de Malabarismo, Circo e Palhaços). Assim, novos números começam a ser criados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de Ginástica Geral e Circo, *Los Pantaneiros*, nasceu das ações de um projeto de extensão que está em constante evolução. As acrobacias agora não são apenas no solo, novos elementos foram incorporados na rotina de treinamento, tecido acrobático, trapézio fixo e saltos no mini trampolim. O grupo não é algo estanque, está aberto a todos que gostariam de participar, tendo como pré-requisito gostar do circo e não possuir medo para romper os seus limites, oportunizando a todos a chance de se expressar e de ter contato com a riqueza dos universos circenses e ginásticos transcendendo de um projeto meramente físico, para algo cultural e que atinge a formação humana no meio universitário.

REFERÊNCIAS

- CLARO, T. S. PRODÓCIMO, E. Picadeiro da escola: o circo como conteúdo na educação física escolar. *Motriz*. Rio Claro, v. 11, n. 01, 2005, p.58-59.
- SILVEIRA, J. F. B.; SILVA, M. R. S.; CASTRO, D. L. O mundo mágico do circo: o saber incorporado e compartilhado. *Anais... IV Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte*, Faxinal do Céu, p. 272- 282, 2008.
- XAVIER, I. et al. Conteúdos Ginásticos no âmbito Circense. XIV Encontro Pernambucano de Pesquisa em Educação Física e Esporte, Recife, Escola Superior de Educação Física - PE. *Anais...*, 2005.

AGROECOLOGIA: UMA FERRAMENTA PARA MANUTENÇÃO DAS RAÍZES CULTURAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Área temática: Cultura

Coordenação do projeto de extensão: Neudson Johnson Martinho ¹
Maria Amanda dos Santos Rodrigues ².

Suzana Matos de Andrade³.

RESUMO:

As Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQ) se localizam em zonas rurais, onde se praticam a agricultura tradicional, seguindo os ensinamentos dos seus ancestrais. Nesse processo de cultivo, os quilombolas buscam produzir alimentos para a sua subsistência e comércio, tendo o cuidado para não causar danos e impactos irreparáveis na natureza. Para tanto, utilizam técnicas da Agroecologia, embora muitas vezes as utilizem de forma empírica, sem um conhecimento estritamente técnico. Ao desenvolvermos um projeto de extensão na comunidade quilombola Mutuca- MT, sentimos a necessidade de socializar através como a Agroecologia é desenvolvida na mesma. Ao compreendermos que a extensão se caracteriza por ações que possibilitam a troca de saberes e fazeres entre academia e comunidade, apresentamos neste trabalho o que identificamos através de práticas extensionistas desenvolvidas com base na pedagogia de Paulo Freire. Identificamos que dentre muitas práticas desenvolvidas no quilombo, a agroecologia é uma delas, a qual é desenvolvida desde os ancestrais, embora de forma empírica. Esta, tem uma importância na comunidade não somente por produzir alimentos saudáveis, mas, por contribuir para a manutenção das tradições culturais da comunidade.

Palavras-chave: Comunidades Remanescentes de Quilombo, Cultura, Agroecologia.

Professor Adjunto da Faculdade de Medicina/UFMT. Coordenador do Projeto. Doutor em Educação. neudsonjm@hotmail.com¹;
marya.amanda@hotmail.com. Bolsista de Extensão. acadêmica em Serviço Social de Cuiabá da Universidade Federal de Mato Grosso²;
suzana.3103@hotmail.com. Bolsista de Extensão. acadêmica de Saúde Coletiva de Cuiabá da Universidade Federal de Mato Grosso³.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Fidelis e Bergamasco (2013), quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantem ao longo dos séculos tradições culturais de religiosas e de sobrevivência frente às condições adversas. Hoje, esses povos são considerados como Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ's). Tais comunidades geralmente estão situadas na zona rural e utilizam a agricultura como atividade principal ou transversal à outras práticas de produção de alimentos.

Os agricultores quilombolas elaboram técnicas, manejos dos solos, das águas e das sementes, flora e fauna que marcam seu espaço, seu território, meio físico e biológico, tendo como prioridade maior a alimentação familiar e a preservação interativa da natureza, com base em saberes e fazeres repassados de gerações em gerações (CARVALHO, 2010 *apud* FIDELIS; BERGAMASCO, 2013., FIDELIS; BERGAMASCO, 2013).

As Comunidades remanescentes quilombolas procuram produzir seus alimentos de forma sustentável, aproximando-se do que é preconizado pela agroecologia, compreendida como uma ciência que concede fundamentos básicos da ecologia para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis (ALTIERI, 1987).

Altieri (1987), afirma que a agroecologia tem uma abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo, através de uma ação social coletiva com conhecimentos e experiências já acumuladas pelos agricultores locais.

Nesta perspectiva, o presente trabalho objetivo descrever a importância da Agroecologia na produção de alimentos no quilombo Mutuca, o qual está localizado no município de Nossa Senhora do Livramento, zona rural do estado de Mato Grosso.

2 DESENVOLVIMENTO

O Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, legitima a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT, definindo-as como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuindo formas próprias de organização social e que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição.

Com base no decreto supracitado, podemos considerar que no Brasil existem diversos povos que se enquadram na definição da PNPCT, sendo os quilombolas, um destes. Em se tratando do estado de Mato Grosso, região centro oeste do país, os principais povos tradicionais encontrados são: Indígenas, ribeirinhos pantaneiros e quilombolas.

Buscando compreender e intercambiar conhecimentos com esses povos e comunidades tradicionais, o Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS) dentre os diversos projetos de extensão que desenvolve, elaborou e executa o projeto intitulado: “PRÁTICAS CULTURAIS EM SAÚDE: O cuidado e a educação popular em saúde na luta pela vida em uma comunidade quilombola do Estado de Mato Grosso”. Este, é o qual é executado por bolsistas extensionistas de cursos diversos da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, na comunidade quilombola supracitada.

As ações extensionistas são realizadas com base na pedagogia freiriana, utilizado o método da roda de conversa, acrescentado uma dinâmica estimuladora da participação ativa dos membros, sempre voltada para o tema gerador a ser dialogado na roda.

Numa das ações, a líder do quilombo nos apresentou as plantações e cultivo realizados na comunidade, explicando de forma simples e compreensível como se dava o processo de plantio e a finalidade do mesmo, o qual tinha elementos característicos da prática de agroecológica, embora, a líder quilombola desconhecesse essa terminologia técnica. Nos mostrou plantações de arroz, milho,

mandioca, árvores frutíferas como a banana e outras, ressaltando que tudo ali era comunitário, desde o plantio até o consumo ou a venda.

Na realização da dinâmica na roda de conversa muitos quilombolas se identificaram com imagens voltadas a natureza e ao campo, relatando que as mesmas expressavam a cultura e valores intrínsecos para o quilombo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Por tratar-se de um relato de experiência recorte de um projeto de extensão, este é um estudo com abordagem qualitativa, cujos resultados são apresentados em forma de relatos vivenciais apreendidos nas falas dos quilombolas.

A líder do quilombo possibilitou aos bolsistas e voluntários conhecerem a produção agroecológica da comunidade, explicando de forma simples como se dava o processo de plantação, colheita, consumo e venda. Relatou que toda a plantação é orgânica, sempre tendo o cuidado de manter o que na linguagem deles chamam de “raiz cabocla”, ou seja, buscando sempre não destruir a origem daquela plantação, mantendo sempre a raiz que a originou para replantio, e utilizando técnicas biológicas para erradicar pragas e insetos.

Pasquis (2015) corrobora este relato, ao afirmar que na comunidade negra rural do quilombo Ribeirão da Mutuca, ainda se percebe a manutenção dos costumes ancestrais através da plantação de arroz, banana, milho e mandioca, de forma tradicional e sem agrotóxicos, seguindo os princípios da agroecologia.

A plantação de banana faz parte da cultura local do quilombo, dela, vários produtos são elaborados, como doces, licores, salgados (banana frita com sal) e outros. A comunidade mantém a tradição da Festa da Banana, a qual é realizada no mês de julho, com o intuito de valorizar a produção e a cultura afro-brasileira que sustenta as cerca de 120 famílias da comunidade (PASQUIS, 2015).

A comunidade quilombola Mutuca foi o palco de palestras sobre a agroecologia no ano de 2015, durante a qual foi realizada uma feira de artesanato, culinária regional, música e dança. Para diminuir o frio da época, prepararam caldo de banana verde no fogo de lenha, licor de banana e os movimentos frenéticos das danças do siriri, rasqueado cuiabano e lambadão (PASQUIS, 2015).

Durante os relatos da líder quilombola, percebemos sua satisfação quanto a produção orgânica de alimentos, a prática da agroecologia, a qual tem contribuído para a sustentabilidade da comunidade, além de fornecer ferramentas metodológicas necessárias para que a participação dos membros da comunidade se fortaleça no dia-a-dia do cultivo das leguminosas, hortaliças e frutas.

Abaixo apresentamos algumas imagens (figuras) que retratam um pouco da agroecologia local do quilombo, *lôcus* de desenvolvimento do projeto em epígrafe.

Figura 01



Plantação de banana do quilombo Mutuca – MT: Tradição cultural.

Fonte: Pesquisa própria. Imagem *in loco*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste contato com a cultura agroecológica do quilombo, consideramos necessário e importante que a academia busque aproximar os futuros profissionais (diversas áreas do conhecimento) com a realidade, cultura (saberes e fazeres) de comunidades quilombolas e outras, visando um maior intercâmbio de conhecimentos, práticas extensionistas efetivas, assim como, possibilitar a construção coletiva de conhecimentos fora dos muros da universidade, possibilitando novas interações e visões de mundo, visando futuros profissionais adquirirem respeito aos diversos tipos de cultura e saberem atuar junto as mesmas, negociando e intercambiando conhecimentos e ações.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5ª edição – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. Disponível em: <<https://www.socla.co/wp-content/uploads/2014/Agroecologia-Altieri-Portugues.pdf>>. Acesso em: 29/05/2018.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Comunidades Tradicionais - O que são**. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/o-que-sao-comunidades-tradicionais>>. Acesso em: 27/05/2018.
- FIDELIS, M, L. BERGAMASCO, M. P. P. S. **Quilombos e a agroecologia: a agricultura tradicional como estratégia de resistência da comunidade quilombola João Surá**. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/download/401/204>>. Acesso em: 31/05/2018
- CAPORAL, R, F; COSTABEBER, A, J. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincipios.pdf>>. Acesso em: 30/05/2018
- PASQUIS, Andrés. **Festa da Banana celebra cultura agroecológica em comunidade quilombola do MT**. Disponível em: <<https://fase.org.br/pt/informe-se/noticias/festa-da-banana-celebra-cultura-agroecologica-em-comunidade-quilombola-em-mt/>>. Acesso em: 25/05/2018

CIRCO-ESCOLA COMO PRÁTICA DE EXTENSÃO: EDUCAÇÃO E ARTE NO VALE DO ARINOS

Área temática: Cultura e Educação

Coordenadora da Ação: Lori Hack de Jesus¹

Autoras: Lori Hack de Jesus, Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira²,
Gabriela Mirian Vieira Zanol³

RESUMO: A arte do circo encanta adultos e crianças. O projeto Circo Escola trabalha, através da ludicidade, diversos aspectos que auxiliam no desenvolvimento integral da criança. Pensando assim é que se engloba a educação social e a arte circense, com criatividade, para o atendimento de crianças e adolescentes e inserção social das mesmas. Objetiva-se ainda, construir a partir do projeto circo escola, influências na formação do pedagogo/a para ações lúdicas e a arte circense presente no currículo de Educação Física e da Arte do Ensino Fundamental. Ele é desenvolvido em parceria da Universidade com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Novo Horizonte do Norte-MT. As ações são desenvolvidas duas vezes por semana, com a utilização de materiais produzidos pelos próprios orientadores e colaboradores do projeto, para atividades de equilíbrio, como perna de pau, rolarola, laço, trapézio, pratos, pano chinês, bambolês e outros, além de aulas de danças, teatros e comicidade. Estas atividades possuem foco socioeducativo, portanto, enriquecem o universo informal, cultural e lúdico das crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Educação Social, Arte Circense, Circo Escola, Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Circo Escola teve seu início na cidade de Novo Horizonte do Norte-MT, em 2009, com a chegada de Willians Avanzi, que era de família circense de Portugal, com o apoio da Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, sob a direção do Professor Amilton da Silva Amaral, se iniciou o projeto. Desde 2013, funciona em parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso, como projeto de extensão, através da parceria com o setor de cultura, que era coordenado pelo professor Cláudio Marcos Zanol, que hoje está aposentado por ter se acidentado, mas ainda presta serviços voluntários.

¹ Mestre em Educação, Professora no Departamento de Pedagogia, na Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: lorihj@hotmail.com.

² Doutora em Educação, Professora no Departamento de Pedagogia, na Universidade do Estado de Mato Grosso. ³ Pedagoga. Bolsista voluntária no Projeto de Extensão Circo Escola.

O projeto conta ainda, com a colaboração dos primeiros alunos, formados pelo circense Willians Avanzi. Estes primeiros alunos têm um papel importantíssimo na formação de novos alunos, pois eles repassam o que aprenderam para os iniciantes, e assim, vem sendo desde 2009.

O projeto Circo Escola tem como objetivo construir influências na formação do pedagogo/a para ações lúdicas e a arte circense presente no currículo de Educação Física e da Arte do Ensino Fundamental. Pretende ainda, contribuir com o desenvolvimento físico-motor das crianças, na comunicação e no trabalho em grupo através de uma educação social diferenciada e lúdica, que leva a criança a aprender a respeitar, ouvir, falar e, principalmente, aceitar as diferenças culturais. E, como objetivos específicos, pretende promover a permanência e o sucesso escolar e contribuir para uma melhor vivência das crianças com a família, escola e sociedade em todos os aspectos, sociais e culturais.

Desde 2009, o projeto já atendeu um número relevante de crianças e adolescentes, oferecendo atividades complementares ao período do contraturno escolar e ações socioeducativas com as famílias. Para se inserir no projeto, é necessário que a criança ou adolescente esteja estudando e tenha idade entre sete e dezessete anos, ou seja acadêmico/a ou professor/a dos cursos de Pedagogia ou Administração, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Juara.

2 DESENVOLVIMENTO

Para pensar o projeto Circo Escola na perspectiva da diversidade é preciso compreender que a mesma se insere dentro de uma linguagem corporal que é cultural. Nessa perspectiva, a prática circense é mais um elemento cultural criado e/ou gerado em diferentes sociedades. É essa variedade cultural de hábitos, comportamentos, manifestações artísticas que torna a humanidade plural. Conforme Laplantine (1998), somos seres da mesma espécie, mas nos expressamos por meio de especificidades culturais.

Essa abordagem nos remete a uma visão diferenciada da dança enquanto apenas movimentos fisiológicos, biológicos, mas centra-se na interação do

corpocultura, pois, os corpos, mesmo sendo biológicos, geralmente com semelhanças físicas, exibem diferenças. E, essas diferenças são, de acordo com Daolio (1995, p.37), o conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo. Assim, ele é o lugar de transcendência biológica para o aspecto cultural, espiritual, dos rituais e das significatividades de cada povo. Essas manifestações que estão escritas no corpo aparecem nas sociedades e nos diferentes períodos da história da humanidade e de diversas maneiras, entre elas, como: danças, esporte, lutas etc.

Nas contribuições de Bregolato (2007), o Circo e a expressão corporal sempre fizeram parte dos acontecimentos importantes da sociedade como celebrações místicas aos elementos naturais, como sol e chuva, nascimentos e funerais, muitas vezes, celebrados com intensa manifestação cultural, com corpos pintados, enfeitados. Tais manifestações são possíveis quando o ser humano-pré-histórico passa a ser bípede. Conforme Aquino (2003, p. 255) “a posição ereta do corpo humano norteia um *design* desconcertante, dificulta a corrida corporal e exige uma prontidão corporal onde equilíbrio e desequilíbrio está num dinâmico, diálogo”.

O Circo, também produz este diálogo dinâmico, pois organiza “o movimento em padrões, espaços temporais com determinantes naturais e determinantes culturais e é nestas últimas que a inovação surge pelo erro ou pelo ruído” (p. 254).

O Circo trabalha a corporeidade e educação, as artes cênicas e a expressão musical, sendo que o interesse está, principalmente, em valorizar a questão de apreciação, recriação e criação, tendo em vista que a música potencializa a criação dos sujeitos sociais em sua diversidade sociocultural.

A educação musical e corporal, neste caso, interconectado com as ações circenses ocupa relevância ímpar no processo de formação pessoal e profissional dos integrantes das ações extensionistas da universidade, uma vez que a música está presente em todos os universos sociais.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A arte circense encanta adultos e crianças. O circo sempre povoou a imaginação, principalmente, de crianças, como um lugar para realizar os sonhos, de voar, de fazer algo estimulante. Sob a lona do circo, ou espaço reservado para essas ações, trabalha-se a criatividade, o lúdico, a arte, a educação e a cidadania voltada à formação integral das crianças e adolescentes.

As ações com foco socioeducativo enriquecem o universo informal, cultural e lúdico das crianças e adolescentes. A educação de um modo geral, que tem como função educar, não só no aprendizado das disciplinas, mas preparar as crianças para a vida em sociedade e em família, esse projeto vêm ao encontro da escola, auxiliando na preparação das crianças a serem cidadãos críticos, idôneos que tenham coragem e capacidade para buscar seu lugar no meio em que vivem. Para isso, o elenco das atividades complementa conteúdos programáticos como: Apoio Escolar, em que as atividades visam a permanência na escola; apoio na educação social, desenvolvimento de atitudes que favorecem o cotidiano em família, o exercício da cidadania e futura inserção no mercado de trabalho; ludicidade e artes, com as atividades artísticas e recreação que favorecem a socialização, a troca cultural, destacando as atividades circenses (trapézio, rolarola, malabares com bolas de tênis e com argolas, equilíbrio com monociclo, pernas de pau, prancha, laços mágicos, pratinhos giradores, paninhos chineses, bambolês e comicidade); trabalho em grupo, onde se desenvolvem as atividades que visam a necessidade de um complementar o outro, como teatro e dança, para desenvolverem a ajuda mútua e indiscriminada.

Figuras 1 a 4 _ Treinos nas artes circenses



Fonte: Projeto Circo Escola (2017 e 2018)



As crianças, adolescentes e acadêmicos/as que treinam no projeto Circo Escola participam de apresentações em eventos, na UNEMAT e em outros locais, na área da educação ou outros, promovidos por diversas instituições, além da Universidade, como os eventos festivos das Escolas de Novo Horizonte do Norte e demais municípios da região, conforme os convites recebidos.

Nestes espaços conseguem mostrar suas habilidades e chamar a atenção para a arte circense, divulgando as ações do projeto e incentivando outras pessoas que estejam interessadas nesse processo de aprendizagem.

Figuras 5 a 9 – Apresentações das crianças e adolescentes em eventos em Novo Horizonte do Norte, Porto dos Gaúchos e em Juara-MT



Fonte: Projeto Circo Escola (2017 e 2018)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do projeto contribuem para o desenvolvimento físico-motor das crianças, na comunicação e no trabalho em grupos, com a educação social, diferenciada e lúdica, que leva a criança a aprender a respeitar, ouvir, falar e, principalmente, aceitar e respeitar as diferenças culturais existentes, ponto importantíssimo para uma vida produtiva em nossa sociedade.

A diversidade permite a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio cultural da humanidade, aprimorando a condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros.

Considerando a riqueza cultural, nacional e regional, no processo de formação da comunidade como um todo, a nossa proposição, ao final, é instigar para a visualização na educação circense, a oportunidade de potencializar a escuta sensível, as trocas e a ousadia de se constituírem como artistas profissionais.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Dulce. Artefato do corpo natural e cultural. In. CALAZANS, Julieta; CASTILHO, Jacyan e GOMES, Simone (Coord.). *Dança e educação em Movimento*. São Paulo: Cortez, 2003.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. *Cultura Corporal da Dança: Coleção Educação Física Escolar: no princípio de totalidade e na concepção historicocrítica- social*. Vol.1. 3 ed. São Paulo: Ícone, 2007.

DAOLIO, Jocimar. *Da Cultura do Corpo*. 10 ed. São Paulo: Papirus, 1995.

LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CURSO DE FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES DE PRÁTICAS MUSICAIS COLETIVAS

Área temática: Cultura

Coordenador da Ação: Prof. Dr. Manoel Câmara Rasslan¹
Autor: Ayami Katsukawa², Gabriela Simões Lima³

RESUMO: O curso tem como objetivo o aperfeiçoamento/formação de multiplicadores para práticas musicais coletivas, com finalidade de estimular a criação de grupos musicais no Estado de Mato Grosso do Sul. Tem como objetivo: oferecer treinamento aos interessados em atuar frente aos grupos de prática musical coletiva; ampliar a atuação da Universidade na sociedade em que está inserida, no que se refere ao estímulo à criação e implantação de grupos de práticas musicais coletivas; transferir para a sociedade os conhecimentos praticados e produzidos pelo Curso de Licenciatura em Música da UFMS; estabelecer campo de estágio e monitoria para os alunos do Curso de Licenciatura em Música da UFMS; e atender a demanda pela formação/aperfeiçoamento dos interessados em coordenar, organizar e reger grupos musicais. Para tanto, o curso é dividido em duas etapas, sendo a primeira o planejamento das atividades, e a segunda, a realização dela em quatro módulos abordando os seguintes conteúdos: 1. Regência; 2. Técnica e expressão vocal; 3. Dinâmica de ensaio; 4. Leitura e percepção musical. A ação presente conseguiu alcançar um grande número do público alvo em relação ao esperado, sendo ele todos que desejam aprofundar a formação musical que permita a organização, coordenação e regência de grupos musicais. A proposta foi executada com os participantes de Campo Grande – MS, que mantiveram frequência nas aulas e fortaleceram suas práticas musicais junto aos grupos que atuam.

Palavras-chave: Educação musical, Prática musical coletiva, Regência, Treinamento

1. INTRODUÇÃO

Existe demanda por cursos dessa natureza, que possam dar apoio, estímulo e sustentação de grupos de práticas musicais coletivas no Estado de Mato Grosso do Sul.

¹ Dr., Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, camaraviva@gmail.com.

² Curso de Licenciatura em Música, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação

³ Curso de Licenciatura em Música, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação

Constantemente o Curso de Música da UFMS é consultado sobre a possibilidade de oferecer de forma sistemática, cursos de extensão que possam treinar e/ou aperfeiçoar os interessados em organizar, criar e coordenar grupos vocais e instrumentais.

Bandas, coros, fanfarras, grupos de música de câmara são algumas das formações que necessitam frequentemente de formação continuada para seus coordenadores e/ou regentes.

O curso proposto tem a finalidade de atender à demanda da sociedade, estimulando a criação e implantação de grupos musicais em diversos espaços e cidades de Mato Grosso do Sul, especialmente aquelas em que houver campus da UFMS, ampliando o intercâmbio e a atuação da Instituição no Estado.

Sendo assim, o curso possui os seguintes objetivos:

1. Oferecer treinamento aos interessados em atuar frente aos grupos de prática musical coletiva;
2. Ampliar a atuação da Universidade na sociedade em que está inserida, no que se refere ao estímulo à criação e implantação de grupos de práticas musicais coletivas (vocais e/ou instrumentais);
3. Transferir para a sociedade os conhecimentos praticados e produzidos pelo Curso de Licenciatura em Música da UFMS;
4. Estabelecer campo de estágio e monitoria para os alunos do Curso de Licenciatura em Música da UFMS;
5. Atender a demanda pela formação/aperfeiçoamento dos interessados em coordenar, organizar e reger grupos musicais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O curso proposto aborda os conteúdos musicais selecionados, quais sejam: regência, técnica e expressão vocal, dinâmica de ensaio e leitura e percepção musical, amparado por autores que fundamentam a educação musical.

Sendo assim, Edgar Willems (1970), autor de um dos métodos ativos de educação musical orienta para uma abordagem global do fenômeno musical relacionando os aspectos fisiológicos, afetivos e mentais presentes nos seres

humanos como o ritmo, melodia e harmonia existentes da Música. O autor também argumenta que uma prática musical viva e estimulante deve preceder a abstração dos conceitos musicais estruturados. Vivenciar os fenômenos musicais antes de refletir sobre seus conceitos fundamentam este curso.

Keyth Swanwick (2003), ao propor o ensino da música ‘musicalmente’, afasta a possibilidade de transmissão de conhecimentos musicais de forma mecânica e pouco estimulante. Assim, criação, fruição e performance são fatores a serem considerados nas abordagens propostas pelo curso.

Por sua vez, a concepção dos grupos de práticas musicais coletivas, tais como coros, bandas, orquestras, grupos de música em conjunto, como espaços de trocas de informações, elaboração de conceitos e produção de conhecimento orienta a perspectiva de formação dos alunos participantes. Nesse sentido, alguns autores fortalecem a proposta deste curso.

O aprendizado musical coletivo é confirmado por Ramos (1989) ao propor o Coro Escola como alternativa metodológica, o que pode também ser aplicado aos conjuntos instrumentais:

(...) o trabalho está construído de forma que o coralista possa ter suas potencialidades desenvolvidas, seus conhecimentos musicais e dos assuntos relacionados ao canto ampliados progressivamente, e uma familiaridade cada vez maior com a linguagem musical. Esses pressupostos permeiam todas as atividades, do vocalize ao ensaio conjunto, passando pelos ensaios de naípe, pelos cursos, palestras e discussões cotidianas. E é essa faceta que nos tem dado o apelido de “coro-escola”. (RAMOS, 1989, p.38)

Na mesma sintonia, Figueiredo (1990) aborda o espaço do coro como por excelência da experiência coral, que também pode ser aplicado à toda experiência musical em conjunto:

[...] identifica o caráter social do agrupamento, transfere o foco da ação musical do palco para o ensaio. Enquanto a existência de um coral está alicerçada somente na apresentação, no palco, no aplauso, suspeita-se que não está ocorrendo suficiente compreensão ou interesse comum entre seus membros, enfatizando-se, assim, a individualidade de seus integrantes ou do regente. Não se pode perder de vista que a performance é o reflexo de um momento anterior – o ensaio – e se ela não é bem-sucedida, algo está insuficiente na compreensão ou na preparação do grupo. (FIGUEIREDO, 1990, p. 3)

Embora os autores citados tenham como referência a música vocal, da mesma forma o conhecimento musical poderá ser abordado na educação instrumental.

2.2 METODOLOGIA

O desenvolvimento e incremento das atividades são dadas em duas etapas. A primeira se dá na organização e planejamento das atividades, sendo elas a seleção de inscrição dos alunos, preparação do material didático, seleção e treinamento de monitores bolsistas, planejamento e preparação das aulas e definição das datas para os módulos presenciais.

A segunda, é na realização do curso. São previstas 80h no total, sendo 20h por cada módulo. Ele consiste nos seguintes conteúdos:

1. Regência: fundamentos básicos da técnica de regência coral e orquestral;
2. Técnica e expressão vocal: fundamentos da técnica vocal (fisiologia da voz, respiração, ressonância, articulação, projeção e expressão vocal), cuidados com a saúde vocal;
3. Dinâmica de ensaio: condução de ensaio de grupos vocais e instrumentais – seleção e preparação de repertório;
4. Leitura e percepção musical: desenvolvimento de forma integrada das habilidades musicais de execução (leitura, escrita e audição).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A ação conseguiu alcançar um grande número de público em relação ao esperado, sendo aqueles que desejam aprofundar a formação musical que permita a organização, coordenação e regência de grupos musicais, multiplicando ações vinculadas à prática musical coletiva nas cidades do Estado de Mato Grosso do Sul, com atenção especial para aquelas em que houver campus da UFMS.

Os objetivos especificados foram cumpridos na maior parte, não atingidas por completo apenas por insuficiência de tempo. E apesar da ação já estar finalizada, as atividades remanescentes estão sendo planejadas para serem realizadas durante o ano de 2018.

O projeto enfrentou algumas dificuldades e contratemplos na realização das atividades, como a falta de transporte e alojamento adequado para trazer alunos de outros campi para participar do curso, como também não possuir um espaço

adequado para a realização dele, pois no mesmo perímetro havia grupos de dança e capoeira, que dificultaram no processo de aprendizagem.

A proposta foi executada com os participantes de Campo Grande – MS, que mantiveram frequência nas aulas e fortaleceram suas práticas musicais junto aos grupos que atuam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso realizado desempenhou um papel importante para a formação musical dos interessados, onde estavam inclusos, tanto professores e alunos da área, como a comunidade externa, sendo perceptível o crescimento e avanço durante a realização das atividades, fomentando conhecimentos da área através da teoria e prática que se baseia este curso, cumprindo assim sua finalidade.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Nilceia P e RASSLAN, Manoel C. Educação Musical em Mato Grosso do Sul. In: Educação Musical no Brasil, ORG: OLIVEIRA, Alda e CAJAZEIRA, Regina. Salvador, P&A, 2007, p. 198-206;

FERNANDES, Ângelo José, KAYAMA, Adriana G., ÖSTERGREN, Eduardo Augusto. O regente moderno e a construção da sonoridade coral: interpretação e técnica vocal. In: Revista Per Musi, n. 13, p 33-51, Belo Horizonte: UFMG, jan.-jun. 2006;

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz F. O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990;

GABORIM-MOREIRA, A.L. Regência Coral Infanto-Juvenil no Contexto da Extensão Universitária: a experiência do PCIU. Tese (doutorado). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo: 2015.

GARRETSON, Robert L., Conducting Choral Music, Englewood Cliffs – New Jersey: A Simon Schuster Company, 1993;

GREEN, Lucy. Pesquisa em sociologia da educação musical. In: Revista da ABEM, Salvador, nº 4, p. 25-35, 1997.

MARTINEZ, Emanuel, Regência Coral: Princípios Básicos; Colaboradores: Denise Sartori, Pedro Gorla, Rosemari Brack, Curitiba: Colégio Dom Bosco, 2000;

MATHIAS, Nelson. Coral, um Canto Apaixonante. Brasília: MusiMed, 1986;

MED, Bohumil. Teoria da Música. 4a Edição Revista e Ampliada. Brasília: Musimed, 1996.

KRAEMER, Rudol-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. In: Em Pauta, Porto Alegre, Ano 11, n. 16/17, 2000, p. 50-73.

PENNA, Maura. Música(s) e seu ensino. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

RAMOS, Marco Antonio S. Canto Coral: do repertório temático à construção do programa. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1989;

_____. O Ensino da Regência Coral. Tese de Livre-docência. São Paulo: ECA/USP, 2003;

RASSLAN, Manoel C. CORAL DA UFMS: de um 'canto' a outro a observação das práticas e dos sentidos da música na Instituição. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2007;

_____. PAINÉIS FUNARTE DE REGÊNCIA CORAL (1981-1989): de política cultural à política curricular. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2013;

ROBINSON, Ray e WINOLD, Allen, The Choral Experience, Illinois: Waveland Press, Inc, 1992;

SESC São Paulo, Canto, Canção, Cantoria: Como montar um Coral Infantil. São Paulo: SESC, 1997;

STORTI, Carlos Alberto, Introdução à Regência, Uberlândia, EDUFU, 1987;

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. Tradução: Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003;

WILLEMS, Edgar. As bases psicológicas da educação musical. Bienne/Suíça: Edições Pro-Musica, 1970.

KARATE PARA TODOS: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO SOCIAL A PARTIR DA PRÁTICA DO KARATE UNIVERSITÁRIO

Área Temática: Cultura

Danielly Delfino Camrgos¹

João Fábio Silva Sanches²

RESUMO

O Projeto de Extensão Karate UEMS – JKA visa possibilitar a comunidade interna da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande e comunidade externa a mesma, o envolvimento dos seus participantes a partir da prática do Karate Shotokan, contribuindo para o desenvolvimento físico, social e cultural dos seus praticantes, favorece a prática de treinamento em arte marcial as seus membros, valorizando a participação desses praticantes que são oriundos de diversas esferas sociais, tanto da Instituição quanto da comunidade externa da mesma. A prática cultural e esportiva do Karate oportuniza vivências nas técnicas de combate, defesa pessoal, exercícios respiratórios, além de conhecimentos sobre a história e filosofia dos povos orientais que contribuíram para a formulação das bases. A participação das atividades como bolsista envolve o estudo e discussão de conteúdos teóricos sobre o ensino de técnicas de defesa e ataque do Karate, promovendo vivências que possibilitam a reeducação motora, a análise de comportamento, educação filosófica, afetiva e psicossocial. Sendo bolsista de extensão deve participar das organizações gerais das competições de Karate, ajudando seja, no auxílio nas mesas de trabalho ou em uma forma geral da organização. Os resultados percebidos na prática como bolsista são efetivos e eficientes na perspectiva da melhoria da qualidade de vida dos praticantes. Como bolsista desta área percebo melhorias na minha própria qualidade de vida, além de notória a evolução nas práticas do Karate, além de apresentar mais disposição em atividades cotidianas e concentração.

Palavra Chave: Karate, Inserção Social, Esporte, Cultura

1. INTRODUÇÃO

A proposta se apresentou relevante por oferecer a prática de uma atividade que integra os alunos, professores e funcionários da UEMS/UCG e da comunidade externa local, entendida como moradores da cidade de Campo Grande, MS, através da prática do Karate. Deste modo, além de contribuir para a divulgação do Karate Shotokan, com base na Escola JKA, proporciona melhor qualidade de vida aos seus participantes.

¹ Acadêmica do curso de Turismo, UEMS/Unidade Universitária de Campo Grande.

² Doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários, UEMS/ Unidade Universitária de Campo Grande.

Como bolsista participei da organização de eventos de competição de Karate, sejam torneios ou campeonatos, seja no auxílio nas mesas de trabalho ou na organização geral dos eventos. Vale ressaltar também que o projeto procurou atender todas as idades, desde crianças até adultos, não restringindo a participação de público alvo.

2. DESENVOLVIMENTO

A prática do Karate tem vários benefícios não só físicos porém benefícios mentais através da Filosofia do esporte. Assim, podemos refletir sobre seus ensinamentos, que apresenta como um caminho de autoconhecimento desde o seu começo. Dentre seus benefícios, estão: Aprimoramento físico, trabalhando com todas as partes do corpo e favorecendo o desenvolvimento da inteligência motora; Oferece conhecimentos técnicos de autodefesa, trabalhando tanto a percepção quanto as reações motoras, por meio da repetição e condicionamento; Contribuiu para a administração de energias e tensões físicas e psicológicas, deixando o praticante mais relaxado e promovendo o aumento da atenção para si próprio e para o mundo ao seu redor; Ajuda a manter o autocontrole e diminui a agressividade, fazendo com que o praticante sublime estas energias para atividades produtivas para ele mesmo, para a família e sociedade; Estimula a solidariedade, a superação de preconceitos socioculturais, além de aumentar a capacidade para o trabalho em equipe; Aumenta a autoestima, deixando o praticante mais confiante para enfrentar os mais variados desafios da vida cotidiana; Cultiva valores e atitudes, como, por exemplo, honra, fidelidade, companheirismo, perseverança, respeito ao próximo, valorização dos mais antigos e patriotismo.

Assim, o projeto buscou promover a extensão universitária a partir da integração dos alunos, professores e funcionários da UEMS/UCG e da comunidade externa local, esta entendida como moradores dos diversos bairros próximos a Unidade Universitária de Campo Grande através do esporte. As atividades físicas e pedagógicas desenvolvidas com a prática do Karate integradas às atividades pedagógicas regulares da Universidade, só veio a somar, pois, apresentaram aos alunos uma atividade diferenciada e com isso, os mesmos demonstraram maior interesse em vivenciar o dia a dia da Instituição de Ensino, aumentando o nível de

entusiasmo em aprender. Os encontros para o treino funcional na arte do Karate ocorrem aos sábados, das 15h30min às 17h30min.

Nos encontros são realizados Alongamentos; técnicas para fortalecimento; Kihon (Fundamentos); Kata (Exercícios Formais); Kumite (Lutas); Mokusso (Meditação: Educação dos Sentidos). Durante as aulas, ouve momentos específicos para breves falas, durante as aulas, o professor aborda temas próprios da filosofia e história do Karate, além de tratar de outros temas do cotidiano da vida dos participantes do projeto, dando orientações específicas. As atividades acima são conduzidas e supervisionadas pelo Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva, professor efetivo da UEMS, Mestre 5o Dan de Faixa Preta pela Federação de Karate de Mato Grosso do Sul (FKMS) e Confederação Brasileira de Karate (CBK).

3. ANALISE E DISCUSSÕES

Tabela 01: Cronograma de Atividades como Bolsista

Bolsista	Atividades	Período em Mês/Ano
Danielly Delfino Camargos	Aulas Práticas de Karate Shotokan.	De 10/17 até 08/2018.
Danielly Delfino Camargos	Estudo teórico sobre a filosofia e prática da atividade.	De 10/17 até 08/2018.
Danielly Delfino Camargos	Participação em torneios e campeonatos, na sua organização.	Abril de 2018.

As datas condizem com o período de início da bolsa (Outubro de 2017) até o período do seu término (Agosto de 2018).

Tabela 02: Participantes do Projeto.

Público Alvo	Quantidade
Acadêmicos, Professores e Funcionários da Universidade.	10
Comunidade Externa (Moradores de Campo Grande).	20
Total	30 Participantes

Esses são o total de participantes do projeto até o presente momento. O projeto não possui mais resultado até agora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução do projeto teve uma receptividade muito boa, não só dos acadêmicos da UEMS, mas como várias pessoas da comunidade de Campo Grande, o número de pessoas que vem procurando a academia aumentou significativamente desde o início, e com isso trouxe algumas mudanças nos horários dos treinos e nos dias e no local a onde acontecia os treinos, foi distribuído cartazes em todo campus da universidade e tivemos um curso com um Mestre em Karate de outro estado, que gerou certificação para todos os que participaram, como atividade extra.

5. REFERÊNCIA

a) Livros:

FUNAKOSHI, Gichin. Karatê-Do: O meu modo de vida. Tradução da 1ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

FUNAKOSHI, G. Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do Mestre. São Paulo: Cultrix, 2005.

NAKAYAMA, Masatoshi. O melhor do karatê: Visão abrangente – Práticas. Tradução da 1º ed. Vol. 1. São Paulo, 1998.

KARATE UNIVERSITÁRIO: EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Área Temática: Cultura

João Fábio Silva Sanches¹

Gabrielly Alves Machado²

RESUMO

O Projeto de Extensão em Karate UEMS JKA, procura estimular a prática do Karate Shotokan junto aos acadêmicos da Instituição e a comunidade geral de Campo Grande, aliada ao favorecimento da melhoria de aspectos relacionados à disciplina, autoconfiança, combate à violência, formação do caráter e controle físico, emocional e mental dos seus participantes. O projeto tem sua base comunitária, pois é um dos poucos projetos na área no município de Campo Grande MS, que disponibiliza aulas de Karate de forma gratuita a população. Com o objetivo de difundir, junto à comunidade acadêmica, professores e funcionários e a comunidade externa, esta entendida como moradores do município de Campo Grande MS, a prática cultural e esportiva do Karate, oportunizando vivências nas técnicas de combate, defesa pessoal, exercícios respiratórios, além de conhecimentos sobre a história e filosofia dos povos orientais que contribuíram para a formulação das bases do chamado Caminho das Mãos Vazias. A participação das atividades como bolsista envolve o estudo e discussão de conteúdos teóricos sobre o ensino de técnicas de defesa e ataque, promovendo vivências que possibilitam tanto a reeducação motora, quanto a análise de comportamento, abrindo possibilidades de educação filosófica, afetiva e psicossocial. Além disso, como bolsista de extensão devo participar da organização de eventos de competição de Karate, sejam torneios ou campeonatos, seja no auxílio nas mesas de trabalho ou na organização geral dos eventos. Os resultados percebidos na prática desta ação como bolsista foram efetivos e eficientes na perspectiva da melhoria da qualidade de vida. Como veterana no que diz respeito à promoção da saúde e bem-estar, também é notório a evolução tanto na prática do Karate como maior disposição em atividades cotidianas envolvendo estudo, atividades físicas, domésticas e etc. E também mais concentração e atenção nessas atividades. Palavras Chave: Karate, Extensão, Cultura, Universidade.

1. INTRODUÇÃO

A presente proposta se apresenta como relevante para seu contexto de aplicação por propor a prática de uma atividade que busca a integração dos alunos, professores e funcionários da UEMS/UCG e da comunidade externa local, esta

¹ Doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários, UEMS/ Unidade Universitária de Campo Grande.

² Acadêmica do curso de Turismo, UEMS/Unidade Universitária de Campo Grande.

entendida como moradores da cidade de Campo Grande MS, através da prática do Karate. Assim, a proposta, além de contribuir com o desenvolvimento do Karate Shotokan, com base na Escola JKA, pode também proporcionar melhor qualidade de vida a comunidade acadêmica e externa local, que poderão se valer dos benefícios físicos e mentais proporcionados pela prática constante do Karate.

Como bolsista de extensão participei da organização de eventos de competição de Karate, sejam torneios ou campeonatos, seja no auxílio nas mesas de trabalho ou na organização geral dos eventos. É válido ressaltar também que o projeto é acessível porque além de gratuito, ele atende a todas as idades, desde criança até adultos, pois ele não possui restrição de público alvo.

2. DESENVOLVIMENTO

A prática do Karate traz vários benefícios não só físicos como também mentais através da Filosofia do esporte. Assim, podemos refletir sobre seus ensinamentos, que desde criado se apresenta como um caminho de autoconhecimento. Dentre seus benefícios, estão: Aprimoramento físico, trabalhando com todas as partes do corpo e favorecendo o desenvolvimento da inteligência motora; Oferece conhecimentos técnicos de autodefesa, trabalhando tanto a percepção quanto as reações motoras, por meio da repetição e condicionamento; Contribui para a administração de energias e tensões físicas e psicológicas, deixando o praticante mais relaxado e promovendo o aumento da atenção para si próprio e para o mundo ao seu redor; Ajuda a manter o autocontrole e diminui a agressividade, fazendo com que o praticante sublima estas energias para atividades produtivas para ele mesmo, para a família e sociedade; Estimula a solidariedade, a superação de preconceitos socioculturais, além de aumentar a capacidade para o trabalho em equipe; Aumenta a auto-estima, deixando o praticante mais confiante para enfrentar os mais variados desafios da vida cotidiana. Cultiva valores e atitudes, como, por exemplo, honra fidelidade, companheirismo, perseverança, respeito ao próximo, valorização dos mais antigos e patriotismo.

Assim, a proposta de bolsa de extensão, vinculada ao Projeto de Extensão em Karate UEMS justifica-se por ser uma atividade que busca a integração dos alunos, professores e funcionários da UEMS/UCG e da comunidade externa local, esta entendida como moradores dos diversos bairros nas proximidades da Unidade Universitária de Campo Grande, através do esporte. As atividades físicas e pedagógicas desenvolvidas com a prática do Karate integradas às atividades pedagógicas regulares da Universidade, só vêm a somar, pois, apresentam aos alunos uma atividade diferenciada e com isso, os mesmos vêm a demonstrar maior interesse em vivenciar o dia a dia da Instituição de Ensino, aumentando o nível de entusiasmo em aprender. Além disso, a atividade física proporcionada pela prática constante do Karate melhora a auto-estima, aumenta a autoconfiança e melhora a qualidade de vida da comunidade acadêmica, já que esta comunidade devido às atividades. Os encontros para o treino funcional na arte do Karate ocorrem aos sábados, das 15h30min às 17h30min.

Nos encontros para prática do Karate, são realizados Alongamentos; técnicas para fortalecimento; Kihon (Fundamentos); Kata (Exercícios Formais); Kumite (Lutas); Mokusso (Meditação: Educação dos Sentidos). Durante as aulas, em momentos específicos para breves falas, durante as aulas de combate e no final ou início de cada aula, o professor aborda temas próprios da filosofia e história do Karate, além de tratar de outros temas do cotidiano da vida dos participantes do projeto, dando orientações específicas. As atividades acima descritas são conduzidas e supervisionadas pelo Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva, professor efetivo da UEMS, Mestre 5o Dan de Faixa Preta pela Federação de Karate de Mato Grosso do Sul (FKMS) e Confederação Brasileira de Karate (CBK).

3. ANÁLISE E DISCUSSÕES

Tabela 01: Cronograma de Atividades como Bolsista

Bolsista	Atividades	Período em Mês/Ano
Gabrielly Alves Machado	Aulas Práticas de Karate Shotokan.	De 10/17 até 08/2018.

Gabrielly Alves Machado	Estudo teórico sobre a filosofia e prática da atividade.	De 10/17 até 08/2018.
Gabrielly Alves Machado	Participação em torneios e campeonatos, na sua organização.	Abril de 2018.

As datas condizem com o período de início da bolsa (Outubro de 2017) até o período do seu término (Agosto de 2018).

Tabela 02: Participantes do Projeto.

Público Alvo	Quantidade
Acadêmicos, Professores e Funcionários da Universidade.	10
Comunidade Externa (Moradores de Campo Grande).	20
Total	30 participantes

Esses são o total de participantes do projeto até o presente momento. O projeto não possui mais resultado até agora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto em sua execução tem tido uma boa receptividade da comunidade não só acadêmica, mas como moradores de Campo Grande MS, visto que desde o início do projeto o número de pessoas que vem procurando a academia aumentou significativamente, com isso houve algumas mudanças como, por exemplo, os horários de treinamento aumentaram, houve mudança de espaço onde aconteciam os treinamentos, cartazes de divulgação do projeto foram distribuídos no campus da

universidade. Também tivemos uma atividade extra como, um curso com um Mestre em Karate de outro estado, que gerou certificação para todos os que participaram.

5. REFERÊNCIA

FUNAKOSHI, Gichin. Karatê-Do: O meu modo de vida. Tradução da 1ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

FUNAKOSHI, G. Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do Mestre. São Paulo: Cultrix, 2005.

NAKAYAMA, Masatoshi. O melhor do karatê: Visão abrangente – Práticas. Tradução da 1º ed. Vol. 1. São Paulo, 1998.

MULHERES QUILOMBOLAS E A LIDERANÇA FEMININA

Área temática: Cultura

Coordenador do projeto de extensão: Prof. Dr. Neudson Johnson Martinho¹

Autores: Lígia Bauer Oliveira², Pietra Andrade de Osti³, Beatriz Santos Dos Passos⁴

RESUMO: A comunidade Mutuca, no Quilombo do Mata Cavalo (MT), estabeleceu uma organização matriarcal, quebrando paradigmas, legitimando as mulheres como líderes da comunidade, fato explicado pelos costumes africanos. Objetivamos com esse estudo desvelar os processos culturais inerentes a construção dos espaços de liderança das mulheres numa comunidade quilombola, de modo específico no que tange aos cuidados com a saúde. Trata-se de um recorte do projeto de extensão: “PRÁTICAS CULTURAIS EM SAÚDE: O cuidado e a educação popular em saúde na luta pela vida em uma comunidade quilombola do Estado de Mato Grosso”. O mesmo é desenvolvido por bolsistas do Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS) da Faculdade de Medicina da UFMT, do qual participam estudantes de diversos cursos da universidade. Para obtenção dos resultados foi realizado um rastreamento da literatura pertinente à liderança feminina em comunidades africanas, analogizadas às falas das mulheres apreendidas durante as ações na comunidade supracitada. Identificou-se que toda a base organizacional da liderança feminina na referida comunidade quilombola se caracteriza como uma herança cultural das mulheres africanas que coordenavam os movimentos de resistência dos negros contra os senhores feudais e fazendeiros, sendo passada de geração a geração entre as mulheres quilombolas, enquanto os homens respeitam as decisões tomadas por elas e se ocupam de suas atividades cotidianas. Consideramos que a opressão pode ser vencida quando os processos de resistência e luta se constroem coletivamente, a exemplo das mulheres negras do quilombo, as quais demonstram o poder feminino é possível, diferentes da cultura machista preconizada na sociedade dita “branca”.

Palavras-chave: Liderança feminina, comunidade quilombola, Resistência, Luta.

¹ Doutor em Educação e Professor Adjunto da Faculdade de Medicina, Faculdade de Medicina/UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá, neudsonjm@hotmail.com.

² Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

³ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

⁴ Acadêmica da Faculdade de Comunicação Social e Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

1 INTRODUÇÃO

Desde Aqualtune, Dandara dos Palmares, Luiza Mahin, Mariana Crioula e Tereza de Benguela, mulheres negras enfrentam a luta pela liberdade e direitos à terra. Atualmente, o legado dessas mulheres libertárias tem conduzido a forma organizacional de seus descendentes. Tendo em vista esse fenômeno social e cultural, o presente trabalho, que se trata de um recorte do projeto de extensão: “PRÁTICAS CULTURAIS EM SAÚDE: O cuidado e a educação popular em saúde na luta pela vida em uma comunidade quilombola do Estado de Mato Grosso”, é desenvolvido por bolsistas de extensão e voluntários do Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS) da Faculdade de Medicina da UFMT. Objetivamos neste relato de experiência desvelar os processos culturais inerentes a construção dos espaços de liderança das mulheres numa comunidade quilombola, de modo específico no que tange aos cuidados com a saúde. Nesta perspectiva, nosso objeto de estudo se caracteriza pela liderança das mulheres quilombolas da comunidade Mutuca, pertencente a região Quilombola Mata Cavalo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento - MT.

Historicamente, a sociedade brasileira se organizava de maneira patriarcal, cujas lideranças das revoluções ou que governavam os estados eram sempre homens, poucas foram as mulheres em destaque nesse processo. Ao observarmos pinturas, de modo específico das europeias e gregas, as imagens retratam homens centralizados, em posições favorecidas e as mulheres sempre subordinadas a eles, caracterizando uma visão machista de superioridade masculina.

Mas, a liderança feminina como costume culturalmente legitimado, foi identificada em sociedades como: Bijagós e Guiné-Bissau, nas quais as mulheres é que escolhem seus parceiros ou determinam o fim de um relacionamento, além de influenciarem nas decisões políticas locais. Em outras comunidades, de modo específico africanas, as mulheres atuam como responsáveis pelas cerimônias religiosas, e liderando diversos segmentos (SCHOLL, 2016).

Justificamos esse estudo pela necessidade de desvelarmos como esses processo de liderança feminina entre mulheres negras quilombolas ainda prevalecem no século XXI, cuja relevância social e acadêmica se corporifica pela possibilidade da

aprendizagem quanto aos aspectos culturais que permeiam as comunidades em questão.

2 DESENVOLVIMENTO

Nunes (2009), ressalta que a resistência da mulher negra à tripla opressão sofrida: raça, gênero e classe social ainda não as coloca em um lugar social cujas dignidades são vividas em sua plenitude. Elas são dignas na maneira como sobejamente desafiam sistemas de autoridades masculinas, continuando a dizer não às opressões.

Traduzindo este pensamento para a realidade dos líderes quilombolas, percebemos que tais mulheres exercem um sistema não patriarcal, alheio ao que estão condicionadas. Dessa maneira, a compreensão dos papéis assumidos pelas mulheres negras do período colonial até as comunidades remanescentes quilombolas da atualidade possibilita a coexistência de diferentes modelos de relações sociais, culminando em processos interculturais, nos quais as culturas possam dialogar entre si, enfatizando as lideranças femininas (LIMA, 2014).

Subsidiados nos autores supracitados, ao desenvolvermos ações extencionistas na comunidade quilombola mutuca, percebemos que esse movimento de luta e liderança feminina é factual e resiste ao tempo. Fenômeno este observado nas relações interpessoais dentro do quilombo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este trabalho é um relato de experiência recorte de um projeto de extensão, com abordagem qualitativa. Nesse sentido, apresentaremos em forma de relato os resultados (Fenômenos sociais) observados durante o mesmo:

Na comunidade *locus* desse estudo, as relações interculturais são observadas durante as oficinas realizadas com as mulheres, sendo importante pontuarmos, que tais práticas culturais quilombolas estão associadas em alguns momentos com costumes contemporâneos às áreas sociais urbanas.

A dinâmica da comunidade pode assim ser descrita: A recepção aos visitantes na comunidade Mutuca sempre é feita por mulheres líderes, as quais geralmente pertencem à mesma família, os homens se mantêm agrupados e não alteram suas atividades com a chegada, inserindo-se na roda de conversa a partir do convite das mulheres.

Toda e qualquer ação a ser desenvolvida na comunidade por qualquer grupo externo que lá chegue, deve ser explicada detalhadamente para as líderes, as quais autorizam ou não a execução. Da mesma forma, procede-se em relação a assinatura de qualquer documento (Termos de anuência, TCLE e etc.), processos esses que legitimam e enfatizam o papel predominantemente de lideranças das mulheres dentro do quilombo e perante a sociedade geral.

Da mesma forma ocorre a apresentação do quilombo aos visitantes, que se dar a partir de uma líder e demais mulheres a convite desta. Elas demonstram bastante conhecimento acerca da estrutura física, da organização da comunidade quilombola e da economia de subsistência, caracterizada pela manutenção de um apiário para produção de mel e cera, plantio de leguminosas, árvores frutíferas e hortaliças, as quais são utilizadas para consumo interno e venda externa.

Nas ações extensionistas desenvolvidas, observa-se que o grupo que participa é exclusivamente feminino, convidado pelas líderes. Inicialmente as mulheres se mostram um tanto reclusas e fechadas ao diálogo, até que a líder faça a mediação entre o grupo de extensão e as mesmas, a partir de então o intercâmbio de saberes e fazeres fluem com naturalidade e bastante abertura. Posteriormente, os homens foram convidados a participarem das ações, inicialmente tímidos, depois de se envolverem na dinâmica, relataram ao final que consideraram positiva a participação na mesma.

As ações extensionistas são desenvolvidas sempre em rodas de conversas, nas quais se utilizam dinâmicas facilitadoras para a participação ativa e diálogo entre os participantes. O projeto de extensão é subsidiado na pedagogia de Paulo Freire e na Fenomenologia MerleauPontyana, buscando a valorização do diálogo e a compreensão do homem enquanto sujeito ativo no mundo em que vive a autor de sua história de vida.

Uma das dinâmicas realizadas no quilombo foi a partir do uso de imagens e identificação de si a partir das mesmas, a qual foi socializada na roda, seguida da troca das imagens escolhidas com um colega e a apresentação deste a partir da imagem que ele entregou. A mesma possibilitou o conhecimento de si e do outro, por isso denominada: “Desvelando-se pelas imagens”, quebrou o gelo no grupo e facilitou o diálogo.

Essa comunidade quilombola tem por tradição cultural o cultivo da banana, da qual produzem doces e outras guloseimas que colocam a venda. Todos os anos no mês de julho realizam a festa cultural da banana, durante a qual as origens quilombolas são socializadas com a sociedade de uma forma geral, como: Danças tradicionais, gastronomia típica, crenças e costumes. Sendo esta comemoração cultural também liderada pelas mulheres do quilombo.

Nas comemorações culturais, a comunidade vai reforçando a importância de se manter as tradições da comunidade e suas raízes, buscando manter os costumes aprendidos de seus ancestrais. As festas da comunidade são espaços para o convívio social e aprendizagem dos mais novos quanto a cultura quilombola.

Tais fenômenos sociais observados na comunidade Mutuca, demonstra a liderança e força da mulher quilombola, a qual permeia as diversas dimensões existenciais do quilombo, transitando desde as questões domésticas, religiosas, econômicas até as culturais, como forma de resistência e manutenção das raízes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que projetos de extensão desenvolvidos em comunidades quilombolas contribuem para: 1- A universidade cumprir seu papel social; 2- Intercâmbio de saberes e fazeres entre a academia e o quilombo; 3- Possibilita aos estudantes a aquisição de novos conhecimentos e percepção da importância de saber e valorizar os aspectos culturais inerentes às comunidades nas quais desenvolverão suas práticas profissionais.

No Quilombo Mutuca, é visível a importância da liderança das mulheres na comunidade, tanto nos aspectos organizacionais, como questões políticas, econômicas e de cuidados com a saúde de seus membros. A beleza e a inteligência

feminina se revestem de outra significância a partir da percepção das mulheres negras, que apresentam esses adjetivos associados a compreensão da autoestima e compreensão da conquista de espaços de luta nas diversas dimensões do existir humano.

A cultura local é um aspecto que deve ser reconhecido e valorizado pelos diversos profissionais que atuam nas comunidades específicas, nesse caso os quilombolas. Costumes, crenças, visões de mundo e da ação de outros sobre si, devem ser consideradas nas relações com os povos, para que assim, o efetivo intercâmbio de saberes e fazeres ocorra de forma efetiva entre a comunidade e os profissionais, sendo necessário a implementação nos cursos superiores disciplinas e práticas que possibilitem aos alunos esse contato e aprendizagem, para melhor atuação profissional na perspectiva humanista

REFERÊNCIAS

- LIMA, K. D. Reflexões Sobre A Liderança Feminina Na Comunidade Remanescente Quilombola Do Tucum/BA. 2014.
- NUNES, G. H. L. Mulheres negras em seu protagonismo: paradoxos em relação ao gênero. In: Michelon, Francisca F.; Senna, Nádia da Cruz, Silva, Úrsula (Org.). Gênero, arte e memória., 2010, v., p. 179-198.
- MOURA, Clóvis. Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001.
- SCHOLL, C. J. Matriarcado e África: a produção de um discurso por intelectuais africanos- CHEIKH ANTA DIOP E IFI AMADIUME. 2016. Tese (Bacharel em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

MUSEU MÓVEL DE ANATOMIA ANIMAL

Área temática de ação: Cultura

Coordenador: Cheston Cesar Honorato Pereira¹

Alex Rodrigues Gomes²

Ana Gabriela Magalhães Diniz³

Arielly Ferreira³

Bruno Costa Pereira³

Géssica Ferreira Freitas Furquim Goulart³

Lais Vitória do Amaral Pereira Silva³

Lucas Fernando de Jesus Costa³

Tiago Luis Eilers Treichel⁴

RESUMO: Museus, feiras de ciências, como projetos de extensão universitários destinados as escolas de ensino médio visam estimular o ensino e diminuir a distância da universidade com os alunos desses estabelecimentos. As peças anatômicas para o acervo do museu foram preparadas mediante a técnica de fixação e conservação em solução de formol a 20%. O acervo museológico foi apresentado aos alunos do ensino médio que também receberam explicações concernentes as funções do material, técnica de preparação e coleta, posse responsável de animais permitidos pela legislação vigente e abordagens a respeito da eutanásia. Através do entrosamento entre veterinários, biólogos, graduandos do curso de Medicina Veterinária e alunos do ensino médio, foram alcançados resultados favoráveis, elevando o destaque da Universidade de Rio Verde perante a comunidade local e diminuindo a distância entre ensino médio e superior.

Palavras-chave: Educação; meio ambiente; coleções; extensão universitária

1 INTRODUÇÃO

A forma é a imagem plástica da função (RUFFINI, 1929), de acordo com a forma, podemos reconhecer os vários aspectos das funções executadas por qualquer órgão do corpo, ou seja, a forma deve ser bem conhecida e ilustrada, de forma teórica e principalmente prática. Dentro deste contexto, podemos perceber a necessidade de exemplos reais expressos pelos corpos e peças anatômicas de animais preparados a partir de técnicas específicas e consagradas. Esses exemplos

1. Professor Titular das disciplinas de Anatomia dos Animais Domésticos da Universidade de Rio Verde, curso de Medicina Veterinária. Email cheston@bol.com.br ;

2. Biólogo, Professor do ensino médio e mestrando do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí;

3. Acadêmicos do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade de Rio Verde;

4. Professor Doutor Adjunto I do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade de Rio Verde.

podem ser visualizados em exposições e museus especializados espalhados pelas principais cidades do país.

Sant'Ana et al. (2004) realizaram visitas monitoradas no Museu Interdisciplinar de Ciências (MIC) da Universidade Paranaense (Unipar), direcionando-as às escolas de ensino fundamental e médio, de Umuarama, Estado do Paraná, observaram que este direcionamento, foi um instrumento científico dinâmico que atendeu um maior número de cidadãos em um menor período de tempo.

Utilizando como método de ensino, para a anatomia e nutrição humana, o museu itinerante de anatomia, para alunos de escolas municipais da prefeitura de São Paulo, Estado de São Paulo, Delavy et al. (2006), observaram que, houve grande assimilação e interesse por parte das crianças de 4 a 6 anos a respeito das estruturas apresentadas e seu funcionamento, despertando nessas o interesse científico e a curiosidade.

Faria et al. (2008), analisando os resultados obtidos por seu trabalho com o museu itinerante de anatomia animal do núcleo de pesquisa de anatomia animal da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), observaram que o número de pessoas que visitam o museu itinerante é superior aquele das que visitam os museus permanentes. Garantiram com seu trabalho, a certeza que, um mínimo de conhecimento com a respeito da anatomia animal, foi levado a população, sem contar com o aprendizado adquirido pelos discentes que participaram daquele projeto. Estes, ao relatarem as dificuldades e gratificações que tiveram durante a sua graduação, serviram de exemplo e motivação para que futuros aspirantes a universidade de Medicina Veterinária.

Segundo senso do IBGE de 2012, a cidade de Rio Verde conta com 19 escolas de ensino médio e 7.164 matrículas. Espera-se com o museu móvel de anatomia animal, diminuir a distancia entre a realidade acadêmica e a comunidade. Esperamos também alcançar resultados favoráveis, elevando o destaque da Universidade de Rio Verde perante a comunidade local, contando para isso, com um grande acervo de peças anatômicas.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto do presente trabalho foi submetido à análise do comitê de ética na utilização de animais da Universidade de Rio Verde com o protocolo CEUA/UniRV N° 01/2017.

Neste projeto, foi utilizada a metodologia indicada por Faria et al. (2008), que implantaram o museu itinerante da Universidade Federal do Vale do São Francisco, que consiste na criação de um acervo museológico, visitação das escolas de ensino médio com todo esse acervo e a análise do impacto gerado pelas exposições do museu móvel nesses estabelecimentos.

Este trabalho está sendo desenvolvido na cidade de Rio Verde/GO, contando com a participação conjunta de médicos veterinários, biólogos e graduandos do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Rio Verde e tem como público alvo os alunos das escolas de ensino médio.

Em primeira etapa foi executado o levantamento de todo o material anatômico do laboratório de anatomia dos animais domésticos da Universidade de Rio Verde, que apresentasse características museológicas, como praticidade de transporte, visual adequado ao entendimento por parte dos alunos do ensino médio e que não apresentasse toxicidade além dos limites aceitáveis pela legislação. As peças foram fotografadas e descritas em seus detalhes anatômicos em arquivos para organização de um arquivo para consultas. Para viabilizar o museu móvel, foi necessária a confecção de novas peças anatômicas, cuja preparação foi executada pela equipe proponente do projeto. Estas últimas foram recolhidas em clínicas ou frigoríficos da cidade de Rio Verde, GO, sem a necessidade de eutanasiar nenhum animal para este fim.

Todo material anatômico foi preparado de acordo com as orientações de Rodrigues (2010), que descreveu em seu tratado, as diversas técnicas anatômicas comumente utilizadas pelos profissionais da área. As técnicas até o momento utilizadas consistem na coleta e lavagem do material anatômico em água corrente e posterior fixação em solução aquosa de formol a 10%*, por meio de injeção subcutânea, intramuscular profunda e intracavitária. Em seguida, as peças foram imersas e mantidas na mesma solução. Após um período mínimo de duas semanas,

* Labsynth – Produtos para Laboratório Ltda

necessário para a penetração do formol nos tecidos, as dissecações foram realizadas e as peças finalizadas foram estocadas em recipientes adequados ao seu tamanho para futura exposição no museu móvel.

A primeira visita foi realizada no Colégio Estadual Martins Borges, localizado na Rua Coronel Vaiano, setor central, Rio Verde – GO. O material foi transportado para exposição através de meios de transporte próprios dos integrantes do projeto. Nesta visita foram alcançados todos os alunos do ensino médio e alguns do ensino fundamental que se interessaram pela exposição. Os resultados gerados foram registrados e várias fotografias e filmagens foram tomadas durante a exposição para futuras publicações em congressos, periódicos e mídia informativa.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Benefícios aos estudantes do ensino médio com conhecimentos que somente poderiam ser adquiridos dentro de uma Universidade ou grandes museus foi evidente na primeira etapa da execução deste projeto. Alunos de graduação do curso de medicina veterinária da universidade de rio verde munidos dos conhecimentos adquiridos no meio acadêmico e preparados com um estudo prévio do acervo museológico entraram em um entrosamento positivo com a finalidade de estreitar os laços e diminuir as distâncias entre as instituições.

Preparando palestras e material anatômico, entrando em contato direto com os alunos do ensino médio, os discentes da Universidade de Rio Verde envolvidos no projeto aprimoraram os conhecimentos nesta área de atuação do Médico Veterinário, mostrando ao público alvo que esta profissão tem vários ramos, inclusive a museologia.

Ficou evidente a necessidade que os alunos do ensino médio têm de exemplos visuais e palpáveis do conteúdo ministrado nas disciplinas de biologia, química e física. Essas necessidades não foram sanadas em sua totalidade, mas foi lançada uma luz que pode funcionar como ponto de partida para que outros cursos de graduação lancem mãos desse método que procura levar os conhecimentos e recursos de uma instituição superior as escolas de ensino médio.

Através deste projeto, o destaque da Universidade de Rio Verde é notório, atraindo novos alunos interessados nesta área do conhecimento, principalmente

aqueles que já possuem habilidades natas e podem estar em dúvida quanto ao caminho acadêmico a ser seguido após o término do ensino médio.

Dificuldades na execução do projeto foram encontradas, como o cancelamento de exposições por parte das unidades a serem visitadas, devido a vários fatores de interesse das próprias instituições. Outro fator relevante foi a adaptação do acervo museológico ao grau de aprendizado obtido pelos alunos do ensino médio, ou seja, as peças preparadas para aulas de graduação devem ser modificadas para que haja um enquadramento na proposta do museu. Todos estes fatores mostram que este tipo de projeto de extensão é uma fonte de aprendizado constante que visa aperfeiçoar a cada visita os métodos e resultados deste projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada dia, quanto mais envolvido o ser humano se encontra com o avanço tecnológico, a política, os problemas sociais, mais ele se afasta das questões que envolvem o meio ambiente natural e as espécies domesticadas necessárias a sua própria sobrevivência. Nas crianças e adolescentes, apostamos todas as esperanças de um futuro melhor, saudável e sustentável, baseado na preservação de espécies nativas da nossa fauna e flora e no repasse de informações restritas a centros acadêmicos de nível superior. São nesses indivíduos que devemos plantar a conscientização do tratamento adequado aos animais domésticos e silvestres. Neste tocante, o museu móvel torna-se ferramenta indispensável para aproximar os alunos de escolas de ensino médio desta realidade.

Mediante relatos dos próprios alunos do ensino médio que foram atendidos pelo museu móvel de anatomia animal, as conversas rotineiras em intervalos de aula ou aquelas com professores ligados a área da saúde, principalmente a biologia, abriram caminho para novos focos de discussão. Durante as aulas esses alunos mostraram mais interesse no momento em que a temática a respeito dos vários sistemas orgânicos do corpo humano e animal eram abordados.

Também, a partir de entrevistas com os graduandos e demais participantes do projeto, podemos notar que, estes despertaram o interesse de aprimorar o intercâmbio dos conhecimentos adquiridos no meio universitário, ampliando a consciência de que existe a necessidade de um inter relacionamento entre ensino médio e superior, salientado o fato de que alunos de graduação são

claramente formadores de opinião para alunos do ensino médio que almejam adentrar uma universidade.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a Universidade de Rio Verde - UniRV pelo apoio técnico e financeiro para execução do projeto.

6 REFERÊNCIAS

DELAVY, R. S.; FRIAS, R. A. C.; LIBERTI, E. A. **Museu Itinerante de Anatomia: Abordagem do corpo humano e da alimentação saudável em crianças da EMEI Barão do Rio Branco/SP**. Disponível em:

<<http://www.usp.br/siicusp/13osiicusp/aprovados/ficha1517.htm>>. Público acesso em 29 de fevereiro de 2017.

FARIA, M. D., RODRIGUES, R. T. de S., DE MATOS, W. C., SILVA, G. F. do N., WALKER, F. M., FREIRE, V. T. de O. Museu Itinerante De Anatomia Animal: Um Incentivo Ao Desenvolvimento Da Educação Social E Ambiental. **Revista UDESC em Ação**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2008.

IBGE. Ensino - Matrículas, Docentes e Rede Escolar - 2012. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=521880&idtema=117&search=goias%257Crio-verde%257Censino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>. Público acesso em 28 de outubro de 2017.

RODRIGUES, H. **Técnicas anatômicas**. 4 ed. Vitória – ES: GM Gráfica & Editora, 2010. 269 p.

RUFFINI, A.. **Fisiogenia**. Milano, Casa Editr. Victtor Francesco Vallardi. Italy 1929. 999 p.

SANT´ANA, D. M. G.; OLIVEIRA, L. P.; ALMEIDA, C. S. L. **Ações desenvolvidas nos anos de 2003 / 2004 no Museu Interdisciplinar de Ciências da Unipar**. Disponível em:

<http://www.redpop.org/8reunion/9rrp_ponencias/deborademellogoncales.doc>. Público acesso em 25 de abril de 2017.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM DANÇA E MOVIMENTO

Área Temática: Cultura

Coordenador da Ação: Mariana Cavalcante de Brito¹

Autor: Carla Karine Oliveira Martins²

Coautor: Priscila Roberta Alves Lemos³

RESUMO: O projeto de extensão Núcleo de Estudos em Dança e Movimento foi criado a partir da necessidade de proporcionar à comunidade acesso ao conhecimento sobre dança. Neste projeto de extensão foram abrangidos em 2017 cinco estilos de dança, sendo: Sapateado Americano, Ballet Clássico, Jazz Lírico, Dança Contemporânea e Dança do Ventre. O presente trabalho aborda as atividades executadas na ação de extensão que aborda o estilo Ballet Clássico, onde as aulas foram propostas de modo que respeitem o biotipo de cada aluno participante, procurando desenvolver a técnica de forma consciente. Como resultado os alunos fizeram parte da elaboração do espetáculo de encerramento. A partir disso pudemos observar que as ações de extensão desenvolvida na academia ainda precisam de mais visibilidade e divulgação, também sobre os estereótipos que cercam o ballet clássico que precisam ser desconstruídos, como por exemplo a idade e o corpo perfeito.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Extensão em Dança, Ballet Clássico.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva da Extensão Universitária é possibilitar ao público externo à universidade contato, compartilhamento e participação com as ações que são frutos do conhecimento proporcionado através do ensino e da pesquisa, com a intenção de promover o desenvolvimento da sociedade. Sabe-se também que, segundo a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, é direito do cidadão ter acesso às fontes culturais, bem como suas manifestações nas diversas formas. Partindo desses aspectos, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, foi elaborado um projeto de extensão, O *Núcleo de Estudos em Dança e Movimento* (NEDeM), objetivando fomentar a participação da comunidade externa ao meio acadêmico e à comunidade acadêmica também, proporcionando a democratização

¹ Coreógrafa, PROECE, UFMS, maricbritto@gmail.com.

² Ciências Biológicas, INBIO/ UFMS. ³

História, FACH/UFMS.

do conhecimento sobre dança, possibilitando condições que despertem o interesse e acesso a eventos.

Dentro do projeto foram desenvolvidos em 2017 cinco estilos de dança: Sapateado Americano, Ballet Clássico, Jazz Lírico, Dança Contemporânea e Dança do Ventre. Neste estudo, será enfatizado as ações e reflexões acerca das aulas de Ballet Clássico, no qual apresenta como objetivo desenvolver a técnica clássica de forma consciente, respeitando o biotipo e o talento de forma individual. Além disso, a turma participou de apresentações culturais, tendo a vivência de palco e plateia. O público alvo desta ação foram pessoas acima de quatorze anos, sem necessidade de apresentar pré-requisitos quanto aos saberes relacionados ao Ballet Clássico.

2 DESENVOLVIMENTO

É pertinente ressaltar que o Ballet Clássico é um estilo de dança com princípios que são pré-definidos, exige muita disciplina, técnica e concentração. Devemos lembrar também do estereótipo que cerca o Ballet Clássico, onde os bailarinos devem possuir um corpo específico para a execução das técnicas: um corpo alongado, força para executar os passos e um quadril perfeito para a técnica.

Tendo em vista esses aspectos que estão inseridos na “cultura clássica”, o trabalho desenvolvido no Núcleo de Estudos em Dança e Movimento, nas aulas de Ballet Clássico, procurou desenvolver as aulas levando em consideração o contexto onde o público do projeto está inserido, respeitando as limitações dos alunos e todas suas possibilidades corporais, levando à desconstrução deste pensamento tecnicista (RENGEL, 2016). As aulas foram ministradas no período de dez meses, de março a dezembro.

A organização das aulas seguiu sob orientação da Coreógrafa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mariana Cavalcante de Brito, onde o trabalho proposto foram aulas que trabalhassem as dificuldades de forma individual, respeitando o biotipo de cada um. As aulas tinham como base as técnicas gerais de Ballet Clássico, repetições de movimentos, porém sempre propondo não os desenvolver de forma mecânica, mas sim levando à consciência do porquê do movimento e da sua utilidade (RESENDE, 2015). Reforçando constantemente a ideia de que cada corpo é individual e possui seus limites. Outra proposta das aulas foi incentivar a reflexão e o questionamento acerca dos moldes das aulas clássicas, não de forma a descartá-la, mas sim compreender o histórico e sua forma como é desenvolvida. Motivando-os à ideia que a dança não precisa envolver competição, e

evitando sempre as comparações físicas. Os participantes do projeto de extensão em 2017, que participavam das aulas regularmente de Ballet Clássico, eram pessoas de idade bem variada, de dezoito anos até vinte e cinco. O sexo também variava entre feminino e masculino. Havia alunos da comunidade acadêmica e da comunidade externa, os alunos da comunidade acadêmica eram de diversas áreas do conhecimento: Humanas, Exatas e Biológicas.

Outro elemento trabalhado foi a composição e sequência coreográfica. Como forma de encerramento das aulas do projeto de extensão para o ano de 2017, foi proposto que os alunos participassem de um espetáculo, onde teriam a oportunidade de apresentar as técnicas que aprenderam durante os meses de aulas, conhecendo também o que foi trabalhado nas aulas dos outros estilos de dança desenvolvidas no projeto. Foi proporcionando aos alunos a vivência em um palco e o contato com a experiência de ter um grande público assistindo-os. O espetáculo tinha como tema principal o estilo musical *Pop*, sendo nomeado então como “O NEDeM é *Pop*”, os demais estilos desenvolvidos no projeto também participaram. A apresentação foi no Teatro Glauce Rocha, que está localizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com lotação máxima de 776 lugares. Durante as aulas eram trabalhadas pequenas sequências coreográficas, onde os alunos podiam participar do processo de criação, sendo unidas e transformadas em três coreografias. É importante lembrar que para o processo de criação dessas coreografias foi respeitado o contexto do público participante, sendo trabalhadas sequências dinâmicas, fugindo do cenário do Ballet de Repertório.

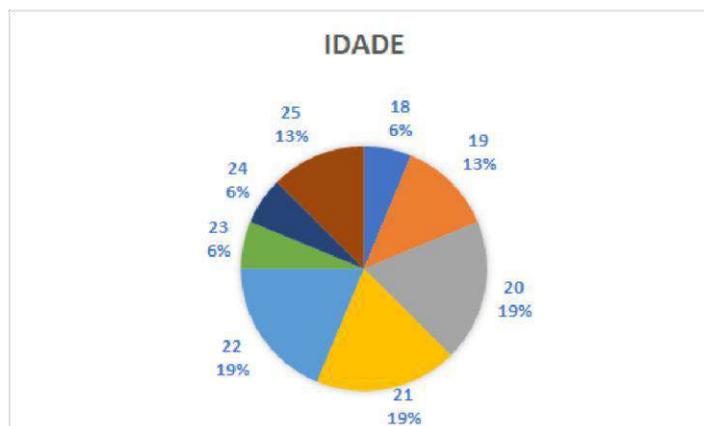
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste item discutiremos os principais aspectos percebidos durante a ação de extensão. Dos alunos participantes do projeto, frequentes nas aulas em questão, ao final do ano foram contabilizados um total de dezesseis alunos. Dentre os dezesseis alunos, doze eram do sexo feminino e apenas quatro do sexo masculino. Esses dados corroboram com o fato de que a sociedade ainda mantém o estereótipo de que Ballet Clássico é uma dança exclusivamente feminina (MARQUES, 2003).

Mesmo sendo uma quantidade amostral pequena, os números são significativos.

Um outro elemento observado é a idade dos alunos participantes das aulas:

Gráfico 01 – Proporção de alunos por idade

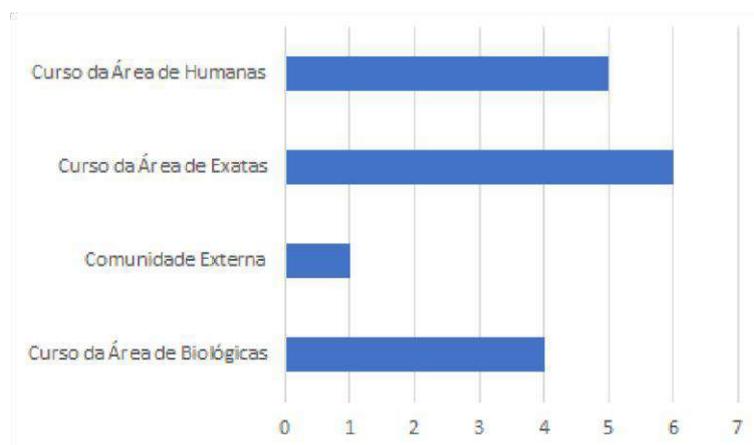


Fonte: gráfico gerado com base de dados do projeto.

A idade dos alunos variava entre 18 e 25 anos, porém as idades mais frequentes eram entre 20 e 22 anos. Uma questão a ser levantada é: por que não temos alunos de idades além de 25 anos participando do projeto? Nos leva a reflexão de que a dança pode ser considerada erroneamente como uma atividade para pessoas jovens, não sendo executável por pessoas mais velhas.

Outro aspecto interessante observado foi a variabilidade de áreas de atuação dos alunos participantes do projeto:

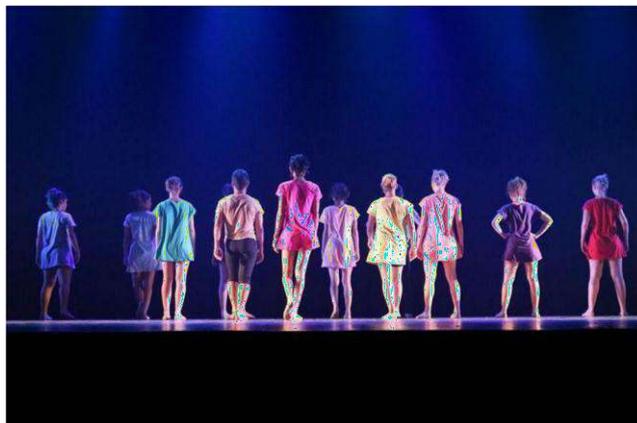
Gráfico 02- Origem do Público



Fonte: gráfico gerado com base de dados do projeto.

Dos dezesseis alunos que participavam regularmente das aulas, apenas um aluno era da comunidade externa, os demais eram acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, das seguintes áreas demonstradas na tabela acima. O que nos preocupa, já que o alvo da extensão acadêmica é o público externo. O que nos leva a pensar sobre uma deficiência na divulgação das ações de extensão

desenvolvidas dentro da academia. Deste total de alunos, apenas treze alunos manifestaram interesse em participar do espetáculo de encerramento. Figura 1 – Alunos na participação do espetáculo



Fonte: Arquivo cedido pelo projeto.

Além destes dados, temos outros aspectos importantes a ser ressaltados. Durante as aulas desenvolvidas notava-se um grande preconceito individual, onde frequentemente os alunos afirmavam sobre a incapacidade de conseguir realizar determinadas técnicas. Também havia um autojulgamento constante sobre seus corpos, proveniente do estereótipo de bailarino impregnado na cultura clássica. Assim, concordando com Miller:

O que ocorre é uma desestruturação, não só física, mas conceitual, pois partimos do pressuposto que corpos dançantes apresentam uma carga de pré-informações ou pré-conceitos de corpo ou de dança que, por vezes prejudica a recepção do trabalho, por exemplo: movimentos formais, sem espontaneidade, que permanecem impregnados no corpo, e a preocupação do acerto com base no julgamento binário ou dualista de belo e feio, bom ou ruim, certo e errado etc. (MILLER, 2007)

Este conceito de molde para a dança clássica foi desconstruído ao decorrer das aulas, através de diálogos e das percepções corporais. Como resultado desta ação de extensão, dos diálogos durante as aulas, e da técnica desenvolvida, tivemos três coreografias construídas no decorrer das aulas e apresentadas no espetáculo de encerramento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta ação, concluímos que a dança ainda é cercada de muitos moldes e estereótipos, que necessitam ser desconstruídos pouco a pouco. Bem como,

é necessária uma inserção cada vez maior da comunidade externa dentro do ambiente acadêmico, participando dos projetos que são desenvolvidos como frutos de pesquisa e ensino.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição (1988). "Constituição da República Federativa do Brasil": promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1990. (Série Legislação Brasileira).

MARQUES, Isabel. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

MILLER, Jussara, A escuta do corpo- Sistematização da técnica Klauss Vianna: Summus Editorial, 2007.

RENGEL, Lenira Peral; SCHAFFNER, Carmen Paternostro; OLIVEIRA, Eduardo. Dança, Corpo e Contemporaneidade. Salvador: UFBA, Escola de Dança, 2016 40 p. il.

RESENDE, T. I. S.. Outros olhares para o ensino do balé clássico, 2010, 25 f., trabalho de conclusão de curso (especialização em Pedagogias da Dança), Centro de Estudos Avançados e Formação Integrada Goiânia, PUC, Goiânia, 2005.

O CEDOC E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL INDÍGENA NO MS

Área Temática: Cultura

Coordenadora da ação: Lenir Gomes Ximenes¹
Bianka Macário de Lima², Flávio Rafael Ventura Candia³, João Pedro Falcão de
Maria⁴, Luana Vilela de Miranda⁵.

Resumo

O presente trabalho é resultado de discussões realizadas no âmbito do projeto de extensão “CEDOC: preservação do patrimônio histórico e cultural indígena no MS”, desenvolvido no Centro de Documentação Indígena Antônio Brand, no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – NEPPI/UCDB, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. No CEDOC Antônio Brand estão salvaguardados milhares de materiais referentes aos povos indígenas que vivem no estado, abrangendo jornais, fotografias, documentos oficiais, material audiovisual e acervo bibliográfico. O objetivo deste trabalho é evidenciar a importância da documentação histórica salvaguardada no CEDOC para a história e a garantia de direitos dos povos indígenas. A metodologia envolveu organização física do acervo, catalogação e descrição dos materiais em uma base de dados *online* e a reflexão acerca desses materiais a partir da bibliografia atual a respeito da temática indígena. O material salvaguardado no CEDOC abrange temas referentes aos territórios, à exploração da mão de obra indígena, às relações com os não índios e às políticas indigenistas. Um centro de documentação público em uma instituição de ensino do estado facilita e acelera a consulta aos documentos que compõem a História Indígena e, conseqüentemente a História do Mato Grosso do Sul e do Brasil.

Palavras-chave: História Indígena, documentação histórica, Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de discussões realizadas no âmbito do projeto de extensão “CEDOC: preservação do patrimônio histórico e cultural indígena no MS”, desenvolvido no Centro de Documentação Indígena Antônio Brand, no Núcleo

¹ Doutora em História, docente do curso de História da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, colaboradora no Centro de Documentação Indígena Antônio Brand, no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas/NEPPI/UCDB.

² Graduando em História na Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, extensionista no Centro de Documentação Indígena Antônio Brand, no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas/NEPPI/UCDB.

³ Graduando em História na Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, extensionista no Centro de Documentação Indígena Antônio Brand, no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas/NEPPI/UCDB.

⁴ Graduando em História na Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, extensionista no Centro de Documentação Indígena Antônio Brand, no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas/NEPPI/UCDB.

⁵ Graduando em História na Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, extensionista no Centro de Documentação Indígena Antônio Brand, no Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas/NEPPI/UCDB.

de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – NEPPI/UCDB, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

No CEDOC Antônio Brand estão salvaguardados milhares de materiais referentes aos povos indígenas que vivem no estado, abrangendo jornais, fotografias, documentos oficiais, material audiovisual e acervo bibliográfico. O objetivo do projeto é facilitar o acesso das comunidades indígenas e dos pesquisadores, professores e acadêmicos indígenas e não indígenas a esses materiais.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia do projeto envolve organização física do acervo, catalogação e descrição dos materiais na base de dados do site neppi.org, e a disponibilização desses materiais para as comunidades indígenas e para pesquisadores.

No primeiro semestre de 2018 foram organizados documentos trabalhistas: contratos, recibos e listas de empregados indígenas contratados por empresas sucroalcooleiras no Mato Grosso do Sul. Foram digitalizados jornais com reportagens referentes à temática indígena. Foi feita a organização, catalogação e descrição da coleção Antônio Brand que é composta por materiais que pertenceram ao historiador Antônio Brand, abrangendo textos de sua autoria e materiais utilizados em suas atividades de pesquisa e docência.

Além das ações de organização e disponibilização do acervo para consulta, foram realizadas discussões acerca da temática indígena a partir do material bibliográfico disponível no CEDOC e que consiste em referencial atualizado a respeito da temática indígena.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O estado de Mato Grosso do Sul tem a segunda maior população indígena do Brasil, mais de 73 mil pessoas, de acordo com dados do último censo (IBGE, 2010). Pertencem a diversas etnias: Guarani, Kaiowá, Terena, Kadiwéu, Kinikinau, Tikuna, Ofaié, Guató, Chiquitano e Kamba. Entretanto, grande parte dos sul-mato-grossenses desconhece a participação dos indígenas nos processos históricos, sociais, políticos e econômicos do estado.

A falta de informações favorece a disseminação de estereótipos negativos sobre os indígenas e representações eivadas de preconceitos e equívocos. João Pacheco de Oliveira Filho (1999) e John Manuel Monteiro (2003) ressaltam que a historiografia estudada e produzida no Brasil, por muito tempo, negligenciou o papel dos indígenas na história. Em geral, eles só eram mencionados durante o período da colonização. Há períodos e aspectos importantes da história de Mato Grosso do Sul e do Brasil sobre os quais há lacunas documentais significativas.

Nesse sentido, a disponibilização de materiais sobre o patrimônio histórico e cultural indígena, visa disseminar o conhecimento sobre esses povos contribuindo com o combate ao preconceito racial, objetivando reverter o quadro de discriminação ainda atual no MS.

O material salvaguardado no CEDOC abrange temas referentes aos territórios, à exploração da mão de obra indígena, às relações com os não índios e às políticas indigenistas. Um centro de documentação público em uma instituição de ensino do estado facilita e acelera a consulta aos documentos que compõem a História Indígena e, conseqüentemente a História do Mato Grosso do Sul e do Brasil.

Até maio de 2018 foram catalogados e descritos, no site neppi.org, 12.538 documentos do CEDOC Antônio Brand. O gráfico 1 mostra a quantidade de materiais catalogados por tipo. A figura 1 faz parte do acervo de fotografias do CEDOC e a figura 2 é do acervo de jornais.

Gráfico 1 – materiais do CEDOC catalogados e descritos no site neppi.org

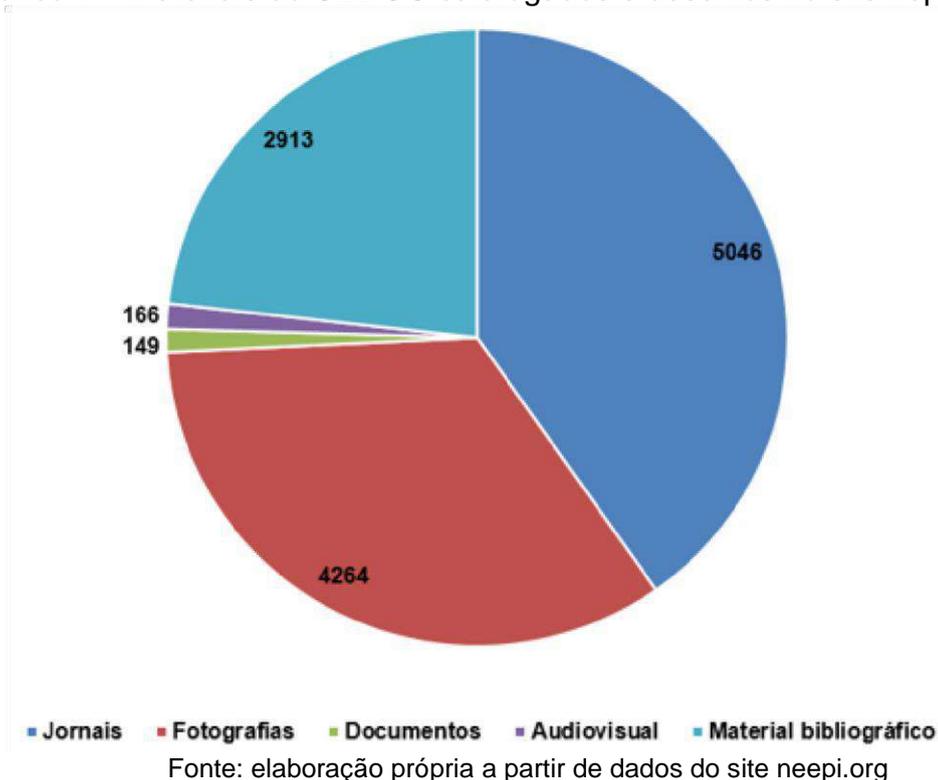


Figura 1 – Fotografia feita por Oscar Fernandes: produtos comercializados pelos Terena na Feira Indígena, Campo Grande – MS.



Fonte: acervo do CEDOC Antônio Brand, NEPPI/UCDB.

Figura 2 – Reportagem do Jornal Brasil de Fato, 04 de janeiro de 2004.

POVOS INDÍGENAS

Retomadas são recado para presidente

Guarani e Kaiowá reocupam fazendas em *yvy katu* (terras boas) e denunciam a situação crítica em Mato Grosso do Sul

Claudia Jardim
da Redação

O ano começou com uma divida histórica a ser paga pelo governo Lula: a demarcação das terras indígenas. Cansados de esperar, desde o dia 20 de dezembro cerca de 3 mil índios das etnias Guaraní e Kaiowá decidiram reocupar cinco fazendas em Amambai e Japorá, Mato Grosso do Sul, região próxima à fronteira com o Paraguai. Para eles, essas são terras *yvy katu* (terra boa, em guaraní).

"Esse é um recado para o presidente, que de uma vez por todas precisa entender que existem questões inadiáveis. Não há como um governo popular fazer vistas grossas e postergar o problema da terra indígena", avalia Egon Heck, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), para quem a situação de concentração de terra indígena é "vergonhosa". O Mato Grosso do Sul é o Estado onde há menor índice de distribuição de terras por



Arrozeiros invadem sede da Funai

Um grupo de posseiros armados ligados a produtores de arroz de Roraima invadiu e depredou, às 3h da madrugada do dia 6, uma escola técnica e um hospital que atendem indígenas, localizados na antiga missão Surumu, pertencente à Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Os invasores tomaram três reféns. O padre Ronaldo França e o irmão João Carlos Martinez, ambos da Diocese de Roraima e missionários do Cimi, além do padre Cesar Avellaneda, foram levados para um local chamado de "maloca do contão", 35 km distante de onde foram capturados.

No mesmo dia, o mesmo grupo invadiu a sede da Funai no Estado, além de fechar três estradas de acesso à capital Boa Vista. As ações dos posseiros

Guaraní e Kaiowá retomam suas terras, antes invadidas por fazendeiros, em Japorá (MS)

Fonte: acervo do CEDOC Antônio Brand, NEPPI/UCDB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto CEDOC vai ao encontro do novo paradigma, do reconhecimento público da importância do patrimônio histórico e cultural indígena e também da mobilização indígena em direção às iniciativas que contribuam para a preservação desse patrimônio e para a garantia de seus direitos.

A documentação histórica salvaguardada no CEDOC Antônio Brand contribui para compreender a história dos povos indígenas e suas relações com o Estado e com a sociedade não indígena, perpassando problemas históricos e atuais que afetam essas populações.

REFERÊNCIAS

IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 17 de maio de 2018.

MONTEIRO, John Manuel. Unidade, diversidade e a invenção dos Índios: entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen. *Revista de História* (USP), São Paulo, v. 149, p. 109-137, 2003.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *Ensaio em Antropologia histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

O MUARQ/SEARQ/CCE/PROECE/UFMS E AS ESCOLAS DE CAMPO GRANDE: DIAGNÓSTICO EM PRÓL DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ARQUEOLOGIA

Área de Ação: Cultura

Coordenadora da Ação: Emília Mariko Kashimoto¹
Autor: Daniel Alves da Silva², Rafael Simões Galvão²

RESUMO

O presente trabalho analisa através de números a relação da exposição de longa duração do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – MuArq, com a educação patrimonial oferecida e o público escolar de Campo Grande – MS, desde o ano do início de suas atividades em 2008, até o ano de 2017. Por meio dos registros documentais do museu foi possível fazer um levantamento da quantidade de escolas que passaram pelo mesmo, podendo assim ser feita uma análise das ações (estas serão apresentadas no pôster), de educação patrimonial no MuArq. A partir dessas análises é possível obter uma noção de quantos alunos já passaram por ali e demonstrar que o museu tem por finalidade não apenas complementar o que é visto em sala de aula, mas também motivar, incentivar os alunos a conhecerem o passado arqueológico de seu estado e também formar cidadãos conscientes da realidade em que vivem.

Palavras-chave: Museu de Arqueologia, educação patrimonial, escolas de Campo Grande.

1 INTRODUÇÃO

O Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq/Searq/CCE/PROECE/UFMS) apresenta os resultados obtidos nas pesquisas arqueológicas desenvolvidas há 30 anos, por sua equipe, na área estadual, onde identificaram a presença de povos caçadores-coletores desde cerca de 12.000 anos atrás, bem como a chegada das sociedades indígenas agricultoras ceramistas há cerca de 1.500 anos (KASHIMOTO e MARTINS, 2009).

¹ Doutora em Arqueologia, FACH, livre docente na UFMS e Chefe do Museu de Arqueologia da UFMS, e-mail: emilia.kashimoto@gmail.com ² Acadêmico do curso de História da UFMS.

² Acadêmico do curso de Geografia da UFMS.

O MuArq está instalado há 10 anos no Memorial da Cultura e Cidadania Apolônio de Carvalho, em Campo Grande/MS, espaço cedido pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Nesse período, o Museu já realizou a divulgação científica junto a cerca de 32.000 pessoas, em seu ambiente expositivo, assim como em atividades de educação patrimonial em escolas de diversos municípios sul-matogrossenses (KASHIMOTO, 2018).

A Educação Patrimonial é desenvolvida sob a perspectiva de proporcionar ao grande público, o contato com o patrimônio cultural da região, para contribuir na constituição de identidade e cidadania (SOARES e CÉLIO, 2010).

Como parte dos trabalhos do projeto *Novas interações entre o Museu de Arqueologia (MuArq/Searq/CCE/PROECE/UFMS) e Escolas de Campo Grande: socialização do conhecimento arqueológico e inclusão social*, aprovado no âmbito do Edital PROECE PAEXT/2018, apresenta-se um diagnóstico das visitas de grupos escolares de Campo Grande que ocorreram, no MuArq, no período de 2008 a 2017.

2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA UFMS

A educação patrimonial é um processo educacional focado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento, com base no contato direto com as evidências e manifestações culturais, levando as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural e assim fortalecendo os sentimentos de identidade e cidadania (HORTA *et al.*, 1999).

Segundo Funari (2007), ao receber o público infantil e jovem, há uma necessidade de haver um caráter lúdico a ser aplicado nos museus. Ao mesmo tempo, Almeida (1997) observou que, baseando-se na perspectiva do atendimento ao público escolar, os museus não devem apenas ser um “complemento” da escola, mas devem propiciar aos alunos, a partir dos objetos, motivações e questionamentos.

O MuArq caracteriza-se como um museu de pesquisa, apresentando os resultados de suas pesquisas na área estadual de Mato Grosso do Sul, onde já foram localizados mais de 300 sítios arqueológicos. O acervo da Exposição de Longa Duração, somado ao da Reserva Técnica totalizam mais de 200.000 peças oriundas dessas pesquisas. Dessa forma, possibilitam a divulgação e a continuidade dos estudos de cultura material pré-histórica regional, no sentido de ampliação do

entendimento acerca das ocupações humanas e modos de vida correlatos (MARTINS, 2009).

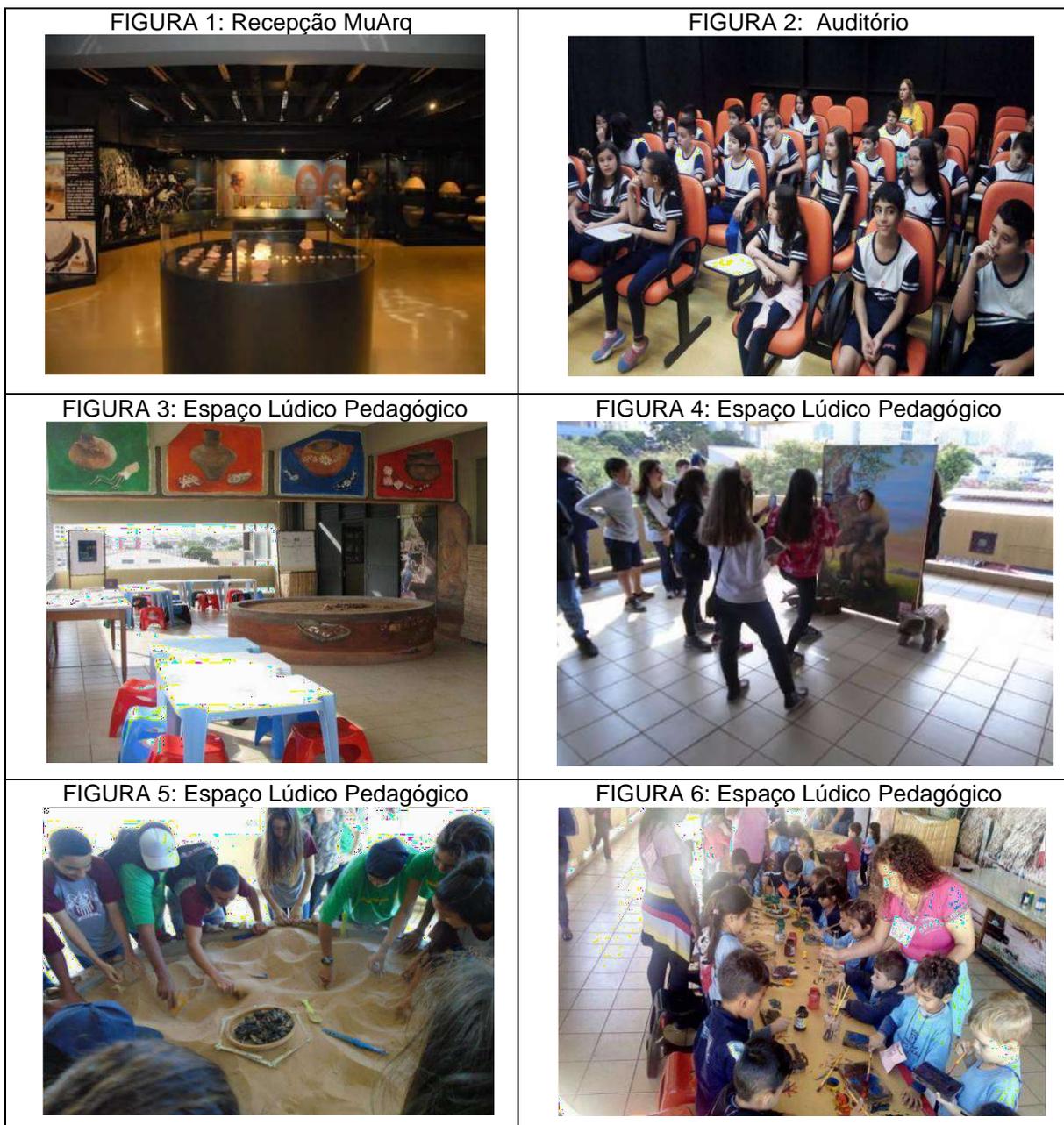
O MuArq recebe visitas de pessoas de Campo Grande, de cidades do interior, principalmente de grupos escolares, assim como de turistas de outros estados. Acolhe, portanto, uma diversidade cultural composta, principalmente, por estudantes de ensinos fundamental e médio.

A recepção ao público inicia-se, no MuArq, em seu auditório, com a apresentação de vídeos, incluindo-se um de animação com linguagem *libras*, que oportunizam uma introdução acerca da Arqueologia regional, sintetizando-se as pesquisas realizadas e o conhecimento obtido acerca dos primeiros povoadores, paleoambientes e a importância da Arqueologia para se compreender o passado e o tempo presente (V. Figuras de 1 a 6).

Em seguida, a visita se estende à Exposição de Longa Duração, onde monitores explanam acerca das peças líticas confeccionadas por povos caçadorescoletores desde o final da era glacial (cerca de 12.000 anos atrás), ou seja, raspadores, plainas, facas, pontas de projétil. As vasilhas cerâmicas e pedras polidas são peças mais recentes, confeccionadas por povos indígenas agricultores entre cerca de 1.500 anos atrás até o século XVIII.

A sequência das atividades abrange práticas no Espaço LúdicoPedagógico, para estimular o conhecimento dos materiais e procedimentos da pesquisa. Realizam-se desenhos e pinturas, assim como a simulação de uma escavação arqueológica, além de visualização de representação de megafauna (totem de preguiça-gigante para realizar fotos).

Dessa forma, conforme Martins (2009), o MuArq desempenha o relevante papel de levar aos alunos o conhecimento arqueológico da área estadual de Mato Grosso do Sul, proporcionando uma visualização prática do que se vê em salas de aulas, fomentando, assim, também a educação patrimonial e o sentimento de preservação cultural (MARTINS, 2009). A seguir figuras dos espaços museológicos.



Fonte: Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

3 O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E AS ESCOLAS DE CAMPO GRANDE: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Foi realizada uma análise das visitas escolares por meio dos registros documentais do MuArq, desde a inauguração da exposição de longa duração do MuArq, em 2008, até 2017.

Os resultados totalizam 19.179 visitas de estudantes, inclusive universitários e de outras cidades de MS, mas o foco deste estudo são os alunos de 394 escolas, entre públicas e particulares, somente de Campo Grande-MS. Na tabela

1 apresenta-se a quantidade de escolas e estudantes visitantes entre os anos de 2008 e 2017 e o total geral de todos estes anos.

Tabela 1 – Quantidade de Escolas e Alunos do município de Campo Grande, que visitaram o MuArq/UFMS no período 2008-2017

Ano	Escola Municipal		Escola Estadual			Escola Particular		Total	
	Nº Escolas	Nº Alunos	Nº Escolas	Nº Alunos	Nº Escolas	Nº Alunos	Nº Escolas	Nº Alunos	
2008	4	189	4	129	6	285	14	603	
2009	6	232	2	78	8	393	16	703	
2010	15	602	0	0	11	458	26	1060	
2011	13	449	1	17	6	607	20	607	
2012	26	1023	3	169	16	601	45	1793	
2013	6	219	1	45	22	538	29	802	
2014	26	856	5	151	15	552	46	1559	
2015	30	1009	24	934	31	794	85	2737	
2016	25	872	11	313	24	973	60	2158	
2017	14	429	25	691	53	1528	14	408	
Total de visitas	-	-	-	-	-	-	-	394	13.550

Fonte: MuArq/UFMS

Por conseguinte, vale destacar que estes dados reafirmam a relação entre o MuArq e as escolas de Campo Grande e o seu importante papel de levar o conhecimento arqueológico regional aos alunos do ensino fundamental e médio, tanto de escolas públicas como de escolas particulares, proporcionando acesso à educação patrimonial a todos.

Considerando-se que o efetivo processo de construção do conhecimento necessita de uma ampliação do diálogo com estudantes das redes públicas e privadas, inicia-se, assim, uma nova fase de interação por meio do projeto em tela, que visa à redução de desigualdades sociais, retroalimentando o trabalho de divulgação científica, especificamente junto a Escolas de Ensino Fundamental e de

Desenvolvimento Especial (portadores de Síndrome de Down) de Campo Grande/MS, no sentido da expressividade e criatividade, estimulando a transversalidade de conteúdos e a diminuição da fragmentação do conhecimento, conforme definiram Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC), segundo Kashimoto (2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas pelos responsáveis, funcionários e acadêmicos bolsistas do MuArq desde 2008 até o ano 2017, tem refletido diretamente no compartilhamento do conhecimento nesta relação MuArq - Escolas.

Com a continuidade de ações, no âmbito do projeto em tela, espera-se, contribuir para a ampliação da valorização do conhecimento histórico e pré-histórico, com maior inclusão e maior sustentabilidade para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação Museu-Escola. Comunicação & Educação, Revista USP, São Paulo, n.10, p.50 a 56, set/dez.1997.

FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia e patrimônio, Erechim: Habilis, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial, 1999.

KASHIMOTO, Emília Mariko. Novas interações entre o Museu de Arqueologia (MuArq/Searq/CCE/PROECE/UFMS) e Escolas de Campo Grande: socialização do conhecimento arqueológico e inclusão social. Projeto de Extensão aprovado no âmbito do Edital PROECE PAEXT/2018. Campo Grande, 2018.

KASHIMOTO, Emília Mariko & MARTINS, Gilson Rodolfo. Arqueologia e paleoambiente do rio Paraná em Mato Grosso do Sul. Campo Grande MS: Life Editora, 2009.

MARTINS, Gilson Rodolfo. Histórico da Criação do MuArq Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Albuquerque: revista de História, Campo Grande, MS, v. 1, n. 2, p. 73-88, jul./dez. 2009.

SOARES, André Luís Ramos & CÉLIO, Sergio Klamt. Santo Amaro: arqueologia e educação patrimonial. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

O TEATRO COMO UMA EXPERIÊNCIA CRIATIVA

Área Temática: Cultura

Gicelma da F. Chacarosqui Torchi¹

Samara de Albuquerque Gobira²

RESUMO

A oficina teatral “O teatro como uma experiência criativa” teve como proposta adentrar os participantes ao universo teatral e ajudá-los a explorar suas habilidades corporais e vocais em relação ao teatro, a partir de jogos específicos que foram aplicados durante os encontros. A metodologia aplicada foi de acordo com os livros da arte-educadora Viola Spolin, que consiste em uma série de jogos introdutórios para aqueles que têm vontade de atuar, pois a autora acreditava que todas as pessoas podem atuar e que elas aprendem através da experiência - experiência essa obtida por meio desses jogos teatrais. A oficina foi desenvolvida com a bolsa de extensão da Pró-reitoria de Extensão e Cultura – PROEX/UFGD, através da Coordenadoria de Cultura, tendo como resultado a apresentação da esquete teatral “eu gostaria que...” com direção coletiva, na qual os participantes utilizaram os conhecimentos e experiências obtidas durante os jogos teatrais, falando sobre temas cotidianos que eles escolheram. O resultado deste processo se concretizou positivamente devido a participação e desenvolvimento dos participantes envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: arte, educação, teatro, cultura, extensão.

1 INTRODUÇÃO

Com 35 inscritos de forma gratuita, a realização da oficina aconteceu de abril a dezembro 2016 na Escola Municipal Laudemira Coutinho de Melo em Dourados/MS, para crianças e adolescentes de 10 a 15 anos, com os objetivos de levar arte e cultura para um bairro periférico da cidade, proporcionando aos participantes um conhecimento básico sobre elementos teatrais e improvisação para o teatro, a partir de jogos teatrais.

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessário para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no

¹ Doutora, coordenadora da Coordenadoria de Cultura da Universidade Federal da Grande Dourados (gicelmatorchi@ufgd.edu.br)

² Discente de Artes Cênicas, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados.

próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las. (SPOLIN, 2003, p.4)

A escolha de serem aplicados jogos teatrais na oficina se deu por que no jogo teatral as pessoas que estão participando podem se dividir entre “jogadores” e “observadores”, e isso é importante para as crianças, pois elas têm um ótimo poder de observação, e isso as ajudariam a absorver para si coisas que foram apresentadas por outros. Stanislavski (2014, p. 204) disse que “esses sentimentos tirados da nossa própria experiência real e transferidos para o papel, é que dão vida a peça”. Mas as crianças ainda estão em um processo de formação, tanto na sua vida pessoal como na social, e existem várias coisas que elas ainda não sentiram, não conhecem ou não presenciaram, e por isso essa observação, que pode ser feita quando os colegas estão jogando, as auxiliará nesse processo, pois

“é preciso estudarmos as outras pessoas e aproximar-nos delas emocionalmente o máximo que for possível, até que a nossa empatia por elas se transformem em sentimentos propriamente nossos”. (STANISLAVSKI, 2014, p. 229).

2 DESENVOLVIMENTO

A oficina tinha por objetivo levar o teatro para os bairros mais afastados de Dourados/MS, visto que, as atividades culturais do município estão concentradas na área central da cidade, preferencialmente no teatro municipal. A referida ação de extensão proporcionou aos participantes um conhecimento básico do fazer teatral, a partir de jogos específicos que foram aplicados durante os encontros no decorrer do ano, inserindo-os nos ensinamentos pedagógicos e didáticos, através de exercícios que estimulam, acima de tudo, a criação do aluno/ator, visando explorar as potencialidades individuais e ajudar na introdução do indivíduo na sociedade e no grupo enquanto ser único, mas inserido numa equipe.

Os encontros visavam promover oficinas de teatro gratuitas a pessoas que não tinham condições de logística, de informação e de renda para ter acesso às atividades culturais promovidas nas regiões centrais do município de Dourados. A

oficina trouxe ao cotidiano dos participantes uma rotina diferenciada dos demais, na qual a diversidade de jogos teatrais que foram aplicados, proporcionaram aos participantes motivação tanto no meio teatral, como no seu dia-a-dia.

No decorrer da oficina foram aplicados jogos teatrais que levaram aos encontros a possibilidade de trabalho com importantes aspectos do aprendizado, como coordenação motora, ritmo, prontidão, disponibilidade, agilidade, criatividade, percepção e etc., desta maneira, estes jogos determinaram regras, impuseram limites e abriram inúmeras oportunidades de expressão pessoal, promovendo um debate gradativo com os participantes sobre questões relevantes de suas vidas, relacionamentos e dificuldades.

A oficina foi dividida entre parte prática e parte teórica, com textos sobre o fazer teatral que foram discutidos e relacionados com as atividades práticas, como forma de complementação do aprendizado.

De início houve 35 alunos inscritos e as aulas aconteciam na quadra coberta da escola, o que atrapalhou um pouco o trabalho, devido à acústica do lugar e à movimentação de outros alunos da escola, que dificultaram a concentração no começo das atividades, mas aos poucos houve uma adaptação com o local.

O planejamento da ação se deu seguindo um passo-a-passo de atividades que visaram uma melhor forma de aprendizado. Os jogos foram baseados em exercícios propostos pela autora Viola Spolin, com exercícios que se destinavam à introdução dos indivíduos no teatro, pois são jogos que foram criados para serem de fácil entendimento e que pudessem superar as barreiras culturais e étnicas, sendo assim um meio de inserção teatral e social.

O primeiro objetivo dos jogos era que os alunos sentissem confiança em si mesmo e se conhecessem melhor em relação as suas habilidades, qualidades e dificuldades, para que pudessem, então, participar das outras atividades, mais seguros de si. Essa confiança faria com que os alunos/atores buscassem meios para se autoconhecer, podendo usar de seus próprios sentimentos, criatividade e imaginação, para que houvesse interação com os demais participantes e futuramente os ajudassem na construção de um personagem.

“Enfim, ao nos colocarmos no papel do outro, o teatro nos dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos outros que nos

rodeiam, e de aprender a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las. Pela arte de representar o outro, podemos refletir sobre quem somos e sobre o papel que representamos hoje nesse mundo” (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2001, p. 115).

O próximo passo foi aproximar os alunos para que pudessem executar os jogos trabalhando em equipe, formando um grupo unido.

Entre os outros objetivos da oficina estavam: autorrealização, a descoberta de si mesmo em relação ao seu mundo social, confiança, desenvolvimento da criatividade e imaginação através da arte, desenvolvimento da sensibilidade e responsabilidade com o teatro, autodisciplina e desinibição, desenvolvimento da concentração, aprimoramento da percepção, desenvolvimento corporal e vocal para vários tipos de atuação, conhecimento básico sobre a criação de um espetáculo e tudo que o compõe (figurino, maquiagem, iluminação, adereços e etc), improvisação, introdução a pantomima e montagem de uma apresentação teatral. Todos esses objetivos foram trabalhados a partir de jogos teatrais específicos que aprimoravam cada um em suas etapas.

Houve dificuldade em manter o número de participantes na oficina devido ao desinteresse de alguns alunos, pois os mesmos viam o teatro de outra forma e mesmo que sempre houvesse diálogo para sanar as dúvidas e obter uma troca de experiências e ideias, não foi o suficiente para controlar a evasão.

A oficina finalizou com 10 alunos que se mostraram responsáveis com todo o processo de aprendizado no decorrer do ano, com a montagem de uma esquete teatral que se chamava “Eu gostaria que...”. Nessa esquete foram retratados temas cotidianos e problemas sociais que foram escolhidos pelos próprios alunos, e a pantomima foi o método utilizado para a construção das cenas. O processo foi de criação coletiva, onde os alunos mostraram as habilidades corporais e vocais que aprenderam através dos jogos. A apresentação ocorreu na Escola Municipal Laudemira Coutinho de Melo para todos os alunos presentes, e foi dividida em algumas sessões devido ao espaço. Os participantes ficaram tímidos na primeira vez, mas depois conseguiram sentir confiança para as demais apresentações.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O resultado da oficina se deu positivamente no meio teatral, trouxe mudança de comportamento entre os participantes, que conseguiram se relacionar melhor com os colegas da escola, com o desenvolvimento da sensibilidade que foi trabalhado no decorrer do ano, e houve grande melhora no rendimento escolar dos mesmos.

A criança aprende muito jogando e como Spolin cita em seus livros, o jogo teatral sempre traz um problema a ser resolvido, então eles foram escolhidos como metodologia porque com isso ela aprenderá com a própria experiência, muito mais do que com alguém apenas discursando para ela formas de lidar com seus sentimentos ou de se expressar. Os jogos aplicados auxiliaram no processo de criação desses atores infantis, pois os ajudaram a lidar melhor com suas emoções e sentimentos, fazendo-os a terem novas experiências e sensações. Por esses e outros motivos é tão importante o ensino do teatro na vida da criança, pois o ator infantil poderá viver inúmeras experiências que lhe trarão um grande aprendizado humano desde a infância.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oferta das oficinas culturais pela UFGD é de extrema importância para complementar a formação dos estudantes como profissionais e cidadãos, onde é possível levar o conhecimento obtido dentro da Universidade e do curso de Artes Cênicas para a comunidade, promovendo esse intercâmbio entre pesquisa e extensão.

A oficina “O teatro como uma experiência criativa” proporcionou o conhecimento do fazer teatral para crianças que nunca tiveram contato com teatro, sendo que a maioria delas nunca havia sequer assistido uma peça. A experiência trouxe aos participantes algo que pode ser levado de aprendizado por toda as suas vidas.

AGRADECIMENTOS

À Coordenadoria de Cultura, vinculada à Pró-reitoria de extensão – PROEX/UFMGD pela concessão de bolsa de extensão.

REFERÊNCIAS

SPOLIN, V. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SPOLIN, V. Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

STANISLAVSKI, C. A preparação do ator. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

VIANNA, T.; STRAZZACAPPA, M. Teatro na educação: reinventando mundos. In: FERREIRA, S. (Org.). O ensino das artes: construindo caminhos. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2001. p. 115-138.

OFICINA DE VIOLÃO NOVO ACORDE: O VIOLÃO COMO FERRAMENTA CULTURAL E SUBJETIVANTE

Áreas Temáticas: Cultura e Educação

Gicelma da F. Chacarosqui Torchi¹

Leonardo da Silva Pinto Rodrigues²

RESUMO: O violão é um instrumento difundido entre a população brasileira e há muito tempo já tem seu espaço na música produzida em nosso país, seja um estilo mais complexo e musicalmente estruturado, como a bossa nova, ou de forma mais simples como o sertanejo, ele está lá presente tanto na harmonia quanto na melodia. Dado esse contexto a oficina de vilão foi pensada com o intuito de aproximar a população douradense da possibilidade de aprendizado deste instrumento por intermédio da Universidade Federal da Grande Dourados. Para isso foram ministradas aulas de violão na unidade I da UFGD, que se localiza no centro da cidade e em uma unidade do Rotary que fica em um bairro mais afastado. Foi possível ver a forma como ao decorrer das aulas os alunos começavam a demonstrar interesses particulares no aprendizado do instrumento. Mais de 30 pessoas da comunidade douradense, tanto técnicos da UFGD quanto pessoas de fora da instituição fizeram inscrições na oficina e ao final do ano foram realizadas apresentações onde todos os bolsistas do projeto junto dos seus alunos apresentavam seus avanços ao longo do ano de oficinas.

Palavras-chave: Violão, cultura, subjetividade, extensão

INTRODUÇÃO

O *Bolsa-cultura* é um projeto de extensão da Universidade Federal da Grande Dourados, que oferece oficinas culturais, propostas pelos próprios acadêmicos da instituição, na cidade de Dourados/MS. A oficina de violão *Novo Acorde* busca

¹ Doutora, coordenadora da Coordenadoria de Cultura da Universidade Federal da Grande Dourados

² Discente de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

de forma simples e dinâmica aproximar os alunos de uma experiência com o violão que quebre um pouco a forma com que o espaço, o tempo e até mesmo o corpo é entendido numa relação professor-aluno, quando dentro dum espaço que se entende como um espaço de troca de saberes. (Tragtenberg, 1985).

Ao longo do ano de 2017, com turmas formadas por dez alunos, sendo duas na Unidade I da UFGD localizada ao centro da cidade e uma no Rotary em um bairro periférico, a *oficina de violão Novo Acorde* buscou de forma simples e dinâmica, aproximar os alunos de uma experiência com o violão que faça uma quebra na forma com que o espaço, o tempo e até mesmo o corpo é entendido numa relação professor-aluno, quando dentro dum espaço que se entende como um espaço de troca de saberes. (Tragtenberg, 1985). O objetivo do projeto envolveu compor as turmas com pessoas de diversas faixas etárias a partir dos 14 anos e dar liberdade para que eles pudessem desejar tocar músicas do próprio interesse, sempre havendo um espaço para que se expressassem artisticamente e livremente.

Pensada a partir de uma demanda de várias inscrições para oficinas de violão nos anos anteriores em que o projeto de extensão bolsa-cultura foi ofertado, a oficina fez-se um espaço para troca e aquisição de saberes.

DESENVOLVIMENTO

Num primeiro momento antes do início das oficinas, em reunião, a coordenadora Professora Doutora Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi, após explanar sobre o funcionamento do projeto e algumas datas, solicitou que ao final das oficinas fosse realizada uma breve apresentação num palco cultural que ocorreria no anfiteatro da unidade I, aberto para toda a comunidade douradense.

O início das aulas aconteceu em fevereiro, com uma turma das 19h às 20h e outra das 20:30h às 21:30h, ambas as turmas com dez alunos, sendo a primeira com a menor faixa etária e a segundo um grupo mais heterogêneo. Em todas as turmas o cronograma era o mesmo, sendo nas primeiras quatro semanas uma introdução básica ao violão e sua história, o conceito de harmonia e melodia como partes integrantes e ainda sim individuais na música e por fim o que eram acordes e como compreendê-los dentro de uma breve introdução à teoria musical, como o quê seriam

tons e semitons e como compreendê-los dentro de uma determinada escala, dado como exemplo a escala maior de C (dó).

Após isso foram apresentados todas as posições básicas dos sete acordes maiores e menores. Ao fim de todas as aulas alguns exercícios eram solicitados aos alunos para que realizassem ao longo da semana, ora para melhorar a parte motora da execução do violão com o objetivo de ganhar agilidade e coordenação nos dedos, ora teórica, como escrever as escalas maiores em vários tons diferentes ou descobrir as notas dos acordes.

Dado esse breve período introdutório foi solicitado que os alunos trouxessem de suas casas músicas que eles gostassem de ouvir e que tivessem algum interesse em executá-las. Em ambas as turmas os alunos pareciam acanhados e de início diziam não se recordarem de alguma música que gostariam de tocar, assim, para dar continuidade nas aulas, foram selecionadas algumas canções com até três acordes maiores e algumas vezes alguns menores, dando prioridade para músicas nacionais.

A comunicação se dava a partir de grupos no WhatsApp, aplicativo de mensagens instantâneas que eram enviadas via smartphone. Os alunos menores de idade informaram os telefones de seus pais e assim a comunicação era dada por intermédio deles. Nos grupos, algumas mídias como áudios, imagens de diagramas de acordes e cifras eram enviadas aos alunos que poderiam, quando interessados, compartilhar seus avanços com a turma utilizando-se destes grupos.

Assim se deu num primeiro momento de aulas na oficina que aconteceu até aproximadamente a metade do ano, onde houveram as férias escolares e junto com elas o projeto pausou, dada a demanda dos alunos que disseram que iriam viajar e não poderiam comparecer nas aulas nas próximas semanas.

Voltando às aulas após as férias, o número de alunos diminuiu um pouco no início, sendo que as turmas que antigamente tinham 10 alunos agora eram turmas de 5 a 7 alunos. Não foram solicitadas novas inscrições visto que colocar alunos sem conhecimento do instrumento numa turma que já apresentava avanços na execução poderia dificultar o andamento do projeto tanto para os novos alunos quanto para os que já faziam parte do projeto. Porém, no segundo semestre de 2017 os alunos pareciam mais dispostos a apreender músicas mais elaboradas, com uma pestana ou mais

acordes que eles costumavam não usar. Assim, nas turmas que tiveram aulas ministradas no CEUD se mantiveram até o fim do projeto, aprendendo um total de quatro músicas, o que já era muito mais do que no início, onde eles mal se empenhavam a apreender os acordes maiores simples.

Paralelamente às turmas que aconteciam no CEUD, havia uma turma que se formou no Rotary todas as segundas-feiras. Já havia outra bolsista do projeto ministrando oficinas lá e dada a demanda da procura de inscrições na oficina, meu projeto também foi agregado à essa localidade.

No início as turmas começaram tímidas, com três alunos sendo os três tio e sobrinhos. Algumas semanas depois a turma passou a ter 6 alunos. Todos eles apresentavam um gosto pelo sertanejo universitário como objetivo de aprendizado. Algumas músicas selecionadas por eles eram de fácil execução então foi possível que fossem estudadas ao logo das oficinas.

Segundo Sanceverino (2016) “O papel do(a) professor(a) não se reduz a ser um mero repassador de conhecimentos, mas sim a um mediador, instigador e problematizador”, assim, era possível compreender as dificuldades e instiga-los a melhorarem conforme essas dificuldades surgiam num ambiente onde o aluno não se sentiria envergonhado quando errasse, mas pudesse se empenhar em avançar no desenvolvimento musical.

No final do semestre uma apresentação aconteceu no anfiteatro da unidade I da UFGD, onde um aluno da primeira turma compareceu e tocou uma música. Os outros alunos disseram que não se sentiam confortáveis com a apresentação e preferiram não tocar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Alain-Didier Weill, em sua obra “A nota azul” (1976), diz que o artista é aquele de quem se espera que dê testemunho, como o analista, embora de modo diferente, de que teve certo acesso ao vazio no Outro, ou seja, ele consegue perceber em si seus desejos e as faltas que acompanham esse desejo, percebendo também nos outros essa falta. Assim, acredita-se que proporcionar a possibilidade de sublimação de impulsos de forma artística seriam meios de conseguir compreender a própria sociedade e usá-la a seu favor. A cultura posta ao sujeito oferta a ele possibilidades

de também se estruturar como esse sujeito. Identificar-se em algumas músicas ou expressar alguns sentimentos que não eram ditos verbalmente foram visíveis ao desenvolver das aulas. Segundo Schopenhauer (apud Lopes, 2006) a música trata-se de uma imediata objetivação, de uma cópia direta de toda vontade.

A oficina atingiu o público desejado e do meio do ano em diante expandiu sua localização para agregar mais participantes e utilizar a instituição como ponte para dar acesso aos meios culturais e expressões artísticas à população.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Coordenadoria de Cultura da UFGD, em especial a Prof^aDtr^a Gicelma, que confiou uma segunda execução do projeto que em 2015 foi recebido pela coordenadora anterior.

Agradeço também aos colegas que ao longo do ano me encorajaram a persistir no projeto e continuar me esforçando para levar o conhecimento do instrumento o mais longe possível.

Por fim agradeço ao Rotary, em especial o Vice-Reitor Prof^o Dtr^o Marcio Eduardo de Barros, que possibilitou a aliança entre as instituições e ajudou quando necessário para que a oficina ocorresse.

REFERÊNCIAS

DIDIER-WEILL, A. A nota Azul: de quatro tempos subjetivantes da música. In: **Nota azul – Freud, Lacan e a Arte**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997. p.57-84.

LOPES, Anchyses Jobim. Afinal, que quer a música?. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 29, p. 73-82, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 abr. 2018.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. **Lua Nova**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 68-72, Mar. 1985. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000100021&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14 Março, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451985000100021>.

SANCEVERINO, ADRIANA REGINA. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 65, p. 455-475, jun. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000200455&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216524>.

PCIU! - PROJETO CORAL INFANTOJUVENIL DA UFMS: CONQUISTAS E PERSPECTIVAS

Área Temática: Cultura

Coordenadora da Ação: Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira¹

Autoras: Vanessa Araújo da Silva, Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira²

1. INTRODUÇÃO

O PCIU! - Projeto Coral Infantojuvenil da UFMS - é uma proposta contínua de educação musical por meio do canto coral. Visa congregar crianças e adolescentes de diversas regiões da cidade de Campo Grande com o objetivo comum de fazer música em conjunto, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança e para resgatar valores humanos por meio do trabalho artístico.

2. DESENVOLVIMENTO

O público alvo do PCIU é formado primordialmente por crianças e adolescentes atendidos pelo projeto, bem como seus pais, que constituem cinco grupos corais: o 'PCIUzinho', de 05 e 06 anos; os grupos PCIU 'new' e PCIU 'alfa', de 06 a 12 anos; o 'PCIU +', para adolescentes e jovens a partir de 13 anos e o 'PCIU Master', formado pelos pais dos coralistas e também aberto à comunidade.

Os discentes do curso de Licenciatura em Música têm a oportunidade de participar do grupo como estagiários e monitores voluntários, o que lhes permite vivenciar o cotidiano de um coro infantojuvenil e ter contato com as crianças participantes, o que não lhes é proporcionado dentro das disciplinas

¹ Professora do curso de Música da UFMS, doutora em Artes pela USP.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Música da UFMS/FAALC.

do curso de Graduação. Dessa forma, eles também podem viver, na prática, os conteúdos estudados nas aulas do curso de Música.

São realizados ensaios semanais com duas horas de duração, onde as crianças participam de diversas atividades lúdicas interligadas. Ao chegar para o ensaio, as crianças têm um momento de brincadeira onde trabalhamos jogos rítmicos e dinâmicas de socialização. Na sequência, temos um momento de lanche acompanhado de apreciação musical onde as crianças assistem a desenhos animados com música. Segue-se um trabalho de leitura musical, denominado solfejo, onde as crianças têm contato com a linguagem musical (por meio de partituras e decodificação das mesmas). Após essa primeira parte as crianças têm um breve intervalo e logo em seguida iniciamos a preparação vocal, onde trabalhamos a consciência corporal, o alinhamento postural, exercícios de respiração e depois exercícios vocais denominados “vocalizes”. Por fim, as crianças aplicam tudo o que foi desenvolvido nessas primeiras atividades ao trabalho de estudo de repertório.

As apresentações públicas abertas à comunidade constituem um outro tipo de atividade. Realizamos cerca de 15 a 20 apresentações por ano, em eventos da UFMS e em outras instituições, por meio de convite formalizado. No ano de 2017, tivemos duas apresentações que se destacaram, sendo uma com a Orquestra Sinfônica Municipal de Campo Grande e outra com a banda da Base Aérea, nos maiores teatros da cidade. Podemos estimar que um público de aproximadamente 3.000 pessoas assistiu às apresentações realizadas.

Temos como objetivo geral do projeto: instituir a prática coral infantojuvenil na UFMS, de modo contínuo e permanente, como uma atividade artística e cultural. Como objetivos específicos, listamos: oferecer o estudo musical a crianças e adolescentes da comunidade campo-grandense por meio do canto coral (extensão); oferecer, aos alunos do Curso de Música da UFMS, uma experiência prática na regência de um coro infantojuvenil, onde seja possível vivenciar os conteúdos estudados no curso (ensino); documentar, registrar e analisar o desenvolvimento e os resultados desta prática, constituindo assim um trabalho científico (pesquisa).

O projeto também tem gerado publicações técnico-científicas: no ano passado, tivemos uma publicação (artigo e comunicação) nos Anais do 23o. Congresso Nacional da ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical;

apresentação de um pôster no VIII SEREX Centro-Oeste e no 10o. ENEX - UFMS. Também foram produzidos dois vídeos institucionais a partir do trabalho dos coralistas; foram elaborados arranjos originais e uma composição para o grupo, e conseqüentemente, elaboradas partituras para a realização desses peças musicais.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

São muitos os aspectos positivos que o canto coral pode trazer ao desenvolvimento da criança. Podemos afirmar que cantar é uma atividade espontânea e prazerosa, um meio de expressão e comunicação. Elza Lakschevitz (2006, p. 51) afirma que

o coro infantil é uma das atividades mais importantes de que uma criança pode tomar parte, não somente na área de música, mas de maneira geral, na sua formação e educação. Num coro, as crianças tem muito mais oportunidades de aprendizado que em qualquer outra atividade que costumam realizar.

Cantar em conjunto é uma atividade artística que desenvolve diversos aspectos importantes para a formação intelectual e sócio-afetiva da criança; além disso, contribui para que ela desenvolva o controle de sua voz e crie hábitos saudáveis para a sua utilização; desenvolve a consciência corporal e trabalha com o tônus muscular, a respiração e a postura. Ao mesmo tempo, estimula o relacionamento interpessoal e intrapessoal; eleva a autoestima, à medida que cada coralista tem responsabilidade no trabalho e nos resultados obtidos, sendo reconhecido por seu esforço e dedicação.

Cantando num coro, a criança conhece um repertório que irá contribuir para seu enriquecimento cultural, para fomentar seu vocabulário, para aperfeiçoar sua linguagem e seu conhecimento musical. A criança aprende músicas diferentes daquelas que a mídia oferece, e que muitas vezes constituem o único repertório a que se tem acesso pela televisão, rádio e meios eletrônicos.

Por todos esses e ainda outros motivos, a prática do coro infantojuvenil foi escolhida como objeto de estudo e pesquisa para elaboração de tese de doutorado da coordenadora do projeto. Embora haja muitos coros infantojuvenis em Campo Grande, de cunho educacional, social ou religioso, são poucos os coros que realizam apresentações regulares acessíveis ao

público campo-grandense e cujos objetivos sejam essencialmente artísticos. Além disso, são escassos os trabalhos acadêmicos voltados ao coro infantojuvenil. Constata-se que grande parte dos regentes de coros infantis e juvenis não possui formação específica nesta área, e a instituição do PCIU! está diretamente relacionada ao curso de Música da UFMS, isto é, tem sido uma oportunidade para que os alunos – e também egressos do curso - possam adquirir experiência e aperfeiçoar-se nesta área, tornando-se mais capacitados para o exercício da profissão.

O projeto constitui uma oportunidade para que as crianças se insiram no estudo da música. Segundo Vertamatti, (2006, p.35),

usando prioritariamente a voz como instrumento, a prática do canto coral é um recurso que aproxima a criança e o jovem da música de uma maneira simples, espontânea e pouco dispendiosa. Assim, pode ser implantada com um mínimo de recursos, permitindo, dessa maneira, que todo indivíduo tenha, potencialmente, acesso à música.

Além de tudo isso, o projeto ainda oferece a possibilidade de inserção dos pais no mundo da música, por meio do grupo PCIU Master, que é realizado no mesmo horário do ensaio das crianças. Desta forma, os pais podem acompanhar melhor o desenvolvimento de seus filhos no coro e fortalecer o vínculo familiar por meio da música.

4. CONCLUSÃO

A realização do projeto, que já dura 5 anos, teve resultados muitos positivos em vários aspectos: no desenvolvimento dos coralistas (crianças e adolescentes), em termos musicais e também psicopedagógicos; na realização de apresentações artísticas gratuitas para a comunidade, atendendo também a eventos de outra natureza; na divulgação do projeto em âmbito nacional, sendo referência para pesquisas acadêmicas realizadas em outras instituições; na formação de profissionais para o coro infantojuvenil, a partir das experiências de estágio e monitoria para os cursos de Música da UFMS.

A perspectiva é que o projeto continue nos próximos anos, recebendo novos coralistas e levando apresentações também aos *campi* do interior de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

LAKSCHEVITZ, Elza. Entrevista a Agnes Schmelling. In: **Ensaio**. Olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2006.

VERTAMATTI, Leila Rosa Gonçalves. **Ampliando o repertório do coro infante-juvenil**: um estudo de repertório inserido em uma nova estética. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

PROGRAMA CASA DE CIÊNCIA E CULTURA DE CAMPO GRANDE

Área Temática: Educação

Coordenador da Ação: Isabela Porto Cavalcante¹

Autor: Rafael Pereira Silva², Robert Rogger de Lima³, Jean Carlo de Albuquerque Ferreira e Silva³, Marlon Franco Almeida Zeferino³

RESUMO: Em síntese, o Programa Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande busca promover ações de divulgação científica nas áreas de física, química e matemática, em escolas e no espaço museológico da Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande, que tem como missão a difusão do conhecimento científico e cultural para todos. Os projetos executados no local tem atendido a população com diversos serviços e proporcionado que o conhecimento chegue a população seja pela discussão de filmes com o evento Cine Cosmos, seja por palestras e apresentações dos projetos vinculados a casa, ou mesmo atendendo as perguntas levadas por redes sociais ou pelos próprios visitantes.

Palavras-Chave: Inclusão, sócio-cultural, divulgação científica, conhecimento acessível, espaços museológicos.

1. INTRODUÇÃO

Este projeto objetiva ampliar a capacidade de atendimento da Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande, nas ações voltadas para a divulgação da ciência e a tecnologia nas áreas de física, química e matemática, tendo como missão a difusão do conhecimento científico e cultural para todos.

Especificamente, tem como objetivos a realização das atividades vinculadas à Astronomia, subsidiando as atividades do Clube de Astronomia Carl Sagan, no atendimento às escolas e ao público em geral. Também realizará demonstrações científicas nas áreas de física, química e matemática, por meio das ações do Projeto X, com o foco no atendimento à comunidade escolar. Ainda, participará de eventos de divulgação científica de projetos executados pela instituição ou por parceiros no Estado do Mato Grosso do Sul e dará suporte e apoio a projetos parceiros na área de

¹ Graduação em Bacharelado em Física na Universidade de São Paulo, Mestrado em Física na Universidade de São Paulo, Doutorado em Física na Universidade de São Paulo. Atualmente é professora adjunta do Instituto de Física na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. (e-mail: isabela.cavalcante@ufms.br).

² Graduando de Licenciatura em Física na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³ Graduando de Bacharelado em Física na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

divulgação científica, atuando diretamente ou subsidiando as atividades destes projetos. Por meio de várias atividades e eventos, a Casa de Ciência e Cultura terá estratégias para difundir a ciência ao longo do ano, dentro das escolas, tanto da rede pública como da rede privada. São observações, oficinas, minicursos, dinâmicas de grupos, encontros e outros, todos focados nas áreas de física, química e matemática e suas ramificações. No campo da astronomia, por meio das observações nos pátios das escolas um maior público será alcançado simultaneamente, em observação do céu noturno e em discussões a respeito da Astronomia. Durante as observações, será projetado um céu virtual em tela usando projetor e planetário virtual, curiosidades e conceitos serão explicados pelos monitores do clube de astronomia.

2. DESENVOLVIMENTO

Os dois grupos participantes do Programa Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande são o Clube de Astronomia Carl Sagan – MS e o Projeto X.

O Clube de Astronomia Carl Sagan teve início em 2007, como uma agremiação de acadêmicos interessados em Astronomia que, orientados pelo Prof. Hamilton Perez Soares Corrêa, iniciaram atuação junto a escolas da rede pública, praças e parques, com atividades de observação do céu, palestras, seminários e minicursos para jovens, professores e interessados em geral, com a missão de levar a Astronomia ao cotidiano de cada indivíduo. O presente projeto é uma continuidade das ações de divulgação da astronomia realizadas pelo Clube de Astronomia Carl Sagan da Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande, ao grande público, suprimindo a demanda da população pelo conhecimento do céu e do Universo por meio de eventos de observação do céu com ou sem o auxílio de telescópios, lançando a ideia de ocupação das praças e parques, demonstrando à população em geral noções astronômicas básicas, despertando o interesse para o aprofundamento no conhecimento da astronomia e incentivar a astronomia individual e a criação de grupos de astrônomos amadores e clubes de astronomia, assim difundindo a ciência e sua importância na sociedade.

O Projeto X, que tem como objetivo divulgar a ciência por meio de experimentos lúdicos e de fácil replicação, ligados à matemática, à física e à química, vem sendo apoiado desde 2007, com a evolução do Projeto Espaço Oficina, no

objetivo de promover a educação ambiental e científica, a inclusão social e o acesso a informação, através da confecção de brinquedos lúdico-científicos.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dentre as atividades realizadas pelo clube estão: realizar ações de divulgações científicas nas escolas, com o agendamento prévio dos atendimentos; realizar ações de observação, estudo, mostra de filmes e documentários e exposição de equipamentos utilizados no estudo de Astronomia, Física, Química e Matemática; Dar suporte às ações de gestão do Clube de Astronomia Carl Sagan - MS, Realizar a capacitação para formação de interessados em astronomia, em níveis iniciante e avançado; documentar e divulgar as atividades realizadas por meio de artigos científicos, apostilas, vídeos tutoriais, redes sociais e blogs; formatar novos experimentos e revisar a metodologia e aplicabilidade dos experimentos já existentes; desenvolver novos monitores para o Projeto X, por meio do desenvolvimento de um plano de capacitação; realizar demonstrações de acordo com a demanda dos atendimentos na Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande; Verificar e definir junto aos parceiros uma agenda de atendimentos e participação para o ano de 2018; participar de eventos na UFMS e em instituições parceiras, em ações de divulgação científica nas áreas contempladas no programa; verificar e definir junto aos projetos parceiros as necessidades de suporte para o ano de 2018 e, por último, participar das atividades de projetos parceiros realizados na Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande.

As atividades têm sido desenvolvidas de maneira rigorosa, os grupos se dividem para abranger todas as ações propostas, esse ano já houveram mais de 20 atividades em escolas e 10 atividades em locais públicos, assim como várias atividades no espaço da Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o ano foram desenvolvidos além dos já citados, um curso de astronomia básica via EAD o qual foi criado e desenvolvido pelo Clube de Astronomia Carl Sagan, que não estava previsto, mas que teve um ótimo resultado e será aprimorado para melhorar o alcance da divulgação. Tanto os monitores dos dois

projetos quanto o público das ações tem aprendido muito e contribuído para a criação de um país onde o conhecimento pode chegar a qualquer pessoa e fazer com que todos tenham a mesma chance de aprender e se tornar uma pessoa melhor.

5. REFERÊNCIAS

BARROS S. G. La Astronomía en textos escolares de educación primaria. Enseñanza de las Ciencias, v.15, n.2, p.225-232, 1997.

BISCH, S. M. Astronomia no ensino fundamental: natureza e conteúdo do conhecimento de estudantes e professores. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, USP, 1998.

BIZZO, N. Falhas no ensino de ciências. Ciência Hoje, 159 (27):26-31, abril, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais. Brasília: MEC/SEMTEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e ética. Vol. 8. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – ciências naturais. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL. Referenciais para formação de professores. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN + Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio: ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Vol. 2. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular.
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. 2017.

BRETONES, P. S. Disciplinas introdutórias de Astronomia nos cursos superiores do Brasil. Dissertação (Mestrado), Instituto de Geociências, UNICAMP, 1999.

CANALLE, J. B. G.; OLIVEIRA, I.A.G. Comparação entre os tamanhos dos planetas e do Sol. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v.11, n.2, p.141-144, 1994.

CANALLE, J. B. G. et al. Análise do conteúdo de Astronomia de livros de geografia de 1º grau. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v.14, n.3, p.254-263, 1997.

GARCIA, C. M. Formação de professores: para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999.

LANGHI, R e NARDI, R. Ensino de Astronomia: erros conceituais mais comuns presentes em livros didáticos de Ciências. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 24, n. 1: p. 87-111, abr. 2007.

LANGHI, R. Astronomia nos anos iniciais do ensino fundamental: repensando a formação de professores. 2009. 370 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2009.

LANGHI, R. e NARDI, R. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 31, n. 4, 4402 (2009).

LEITE, C. Os professores de ciências e suas formas de pensar a astronomia. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Física e Faculdade de Educação, USP, 2002.

MALUF, V. J. A Terra no espaço: a desconstrução do objeto real na construção do objeto científico. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação, Univ. Fed. de Mato Grosso, 2000.

NARDI, R. Um estudo psicogenético das idéias que evoluem para a noção de campo – subsídios para a construção do ensino desse conceito. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1989.

NUSSBAUM, J. Astronomy teaching: challenges and problems, IVth International Conference on Teaching Astronomy, Barcelona (1990). Investigación didáctica en Astro-nomía: una selección bibliográfica. Enseñanza de las Ciencias, v.13, n.3, p.387-389, 1995.

SCHÖN, D. A. Educating the reflective practitioner. Toward a new design for teaching and learning in the professions. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1987.

SZYMANSKI, Maria L. S; FABRO, Silvia G. V e MIOTTO, Zélia M. Trazendo o céu para a sala de aula: a astronomia nas séries iniciais; 2.ed. Cascavel: Edunioeste, 1998. ISBN 85-86571-18-0

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TIGNANELLI, H. L. Sobre o ensino da astronomia no ensino fundamental. In:

WEISSMANN, H. (org.). Didática das ciências naturais: contribuições e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RECICLAGEM DE CLÁSSICOS NO TEATRO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Área temática: Cultura

Aline Domingos de Souza¹
Braz Pinto Junior²

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência, relacionado à reciclagem de obras dramáticas consideradas clássicas. Evidenciamos que em um processo de encenação contemporânea podemos lançar mão de elementos e recursos tradicionais como base para nossas práticas. Muitas vezes, o conhecimento de obras canônicas ou pertencentes à determinada tradição se faz necessário, ou seja, um processo de reciclagem de textos ou textualidades ocorre. Sendo assim, objetivamos destacar nesse trabalho nossa experiência de adaptação da obra clássica shakespeariana, *Hamlet*, durante o processo de montagem do espetáculo *O Silêncio de Ophelia*, com direção do prof. Dr. Braz Pinto Junior. Conclui-se que a participação no espetáculo, possibilitou aos acadêmicos envolvidos, novas visões sobre a adaptação de textos clássicos, ao mesmo tempo em que, contribuiu para uma melhor compreensão da relação entre teoria e prática teatrais.

INTRODUÇÃO

Elementos clássicos estão presentes nas mais variadas formas de linguagem seja ela teatral ou de outras artes (cinema, dança, circo, performance, história em quadrinhos). Por meio desses elementos, pertencentes a determinada tradição, o artista expressa sentimentos, conta e reconta histórias. Existem várias obras consideradas clássicas, ou seja, modelos, que pertencem a períodos e tradições culturais, entre essas obras podem ser encontradas; as mitologias gregas, nórdicas, egípcias, africanas, entre outras.

No âmbito do teatro, o elemento textual é concebido como registro e base para novas encenações.

Imediatamente se pressupõe que o argumento versará sobre o texto dramático, isto é, a palavra escrita. Ora, hoje, muito ultrapassado os pré-conceitos que julgavam o teatro submisso

¹ Acadêmica de Artes Cênicas e Bolsista de Iniciação Científica- FACALE/UFGD.

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Líder do Núcleo de Estudos da Cena Contemporânea (NUENCENA).

à literatura, é corrente a afirmação de que uma obra de dramaturgia só se realiza, plenamente, na cena, no palco. Sendo assim, é mais do que justo desviarmos nosso olhar do texto, e, abrindo mão do cânone, lançar-nos ao desafio de tentar apontar caminhos que possam definir um espetáculo teatral enquanto um clássico. Uma tarefa delicada, se tratando o espetáculo da natureza do evento, e instigante, pois, na medida em que as teorias do espetáculo reconhecem o valor histórico, ou documental, de certas experiências cênicas, esta imaterialidade, inerente ao espetacular, perde um pouco de sua transparência, dando ao evento uma determinada consistência que o faz ultrapassar seu próprio tempo.(RIBEIRO, 2008,p.211)

De acordo com Antoine Compagnon (1999), na historiografia literária, vários autores têm se empenhado na tentativa de conceituar o clássico, porém, quase sempre o que conseguem é estabelecer um conceito subjetivo e limitado pelo contexto cultural das diversas épocas.

No entanto, o clássico tende a sobreviver às diversas classificações, visto que transcende todos os paradoxos e todas as tensões: entre o individual e o universal, entre o atual e o eterno, entre o local e o global, entre a tradição e a originalidade, entre a forma e o conteúdo (COMPAGNON, 1999, p. 235).

Nesse trabalho, partimos do contato com a obra *Hamlet*, de William Shakespeare, um cânone da literatura e do teatro ocidentais e que carrega o título da obra mais encenada em toda os tempos.

O trabalho está dividido em duas partes: revisão de conceitos como “clássico” e “reciclagem” e relato sobre a experiência de montagem de um espetáculo teatral a partir da obra *Hamlet*, além de considerações e referências.

OS CLÁSSICOS E AS RECICLAGENS TEATRAIS

Obras clássicas, ou seja, modelos de dramaturgia, são obras ligadas à determinada tradição que, por razões culturais, permanecem sendo lidas e encenadas ao logo do tempo, apesar das mudanças ocorridas na sociedade.

Muitas vezes há um receio por parte dos profissionais de teatro em trabalhar com esses “clássicos”, geralmente por razões do senso comum, como a ideia de “genialidade” do autor ou “grandiosidade” da obra, o que acaba

por limitar as possibilidades e serve apenas para revelar nosso desconhecimento das obras do passado.

Por outro lado, conforme segue dizendo Calvino (1993) muitos cursos, iniciam a abordagem de seus estudos, por meio de modelos tradicionais. Quanto mais nos aproximamos de obras clássicas, mais inesperadas elas se revelam, tendo em vista que “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos [...]” (CALVINO, 1993, p.12-13).

Um exemplo da importância dos clássicos, pode ser evidenciada com as muitas apropriações e adaptações literárias e cinematográficas das epopeias homéricas *Odisseia* e da *Ilíada* ou textos da mitologia grega, bíblicos ou pertencentes que povoam o imaginário de artistas há séculos.

No processo de adaptação de Shakespeare podemos notar inúmeras relações entre os elementos clássicos e a contemporaneidade porque, embora a sociedade passe por mudanças, muitos problemas filosóficos permanecem, como por exemplo, o que é o ser humano, sua liberdade e sua consciência.

A EXPERIÊNCIA EM O SILÊNCIO DE OPHELIA

A oitava turma do curso de Artes Cênicas da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), participou de um processo de reciclagem de um texto canônico (*Hamlet*) durante a montagem do espetáculo “O Silêncio de *Ophelia*”, uma adaptação da obra clássica “*Hamlet*” de Shakespeare, escrita e dirigida pelo professor Dr. Braz Pinto Junior. O espetáculo foi montado utilizando a estrutura do Núcleo de Artes Cênicas da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE/UFGD) com os acadêmicos matriculados na disciplina Encenação II, da Graduação em Artes Cênicas.

A montagem de um espetáculo experimental com os alunos recebe o apelido de “projetão” e consiste na montagem de uma obra “clássica” com apresentação aberta ao público, no final do quarto semestre de curso.

Figura I: Cartaz da Peça O Silêncio de Ophelia



Fonte: <http://www.douradosnews.com.br/dourados/espetaculo-o-silencio-de-ophelia-sera-apresentado-nesta/1075560/> Sinopse:

Um mergulho no silêncio. De que nossos desejos nos tornam capazes? Quais os segredos da mente em colapso? Morte. O Silêncio absoluto? O silêncio da bela dos comerciais. O silêncio do amor e da virtude. O pai, o irmão, o amante. Uma bela jovem. Uma trama de vingança e traição. Até que ponto somos capazes de chegar para alcançar o que desejamos? E a que preço? Um caso de Polícia. O silêncio à espreita. Fãs, familiares, repórteres e o mundo das celebridades perdeu uma bela jovem. Loucura, amores perdidos, contratos quebrados, inveja e ganância. Venha mergulhar com ela.

O texto escrito pelo professor Braz Junior, uma adaptação de Hamlet, para a contemporaneidade, trouxe a temática do suicídio para a cena, com foco no personagem Ophelia, discutindo questões como o papel da mulher em uma sociedade de aparências e consumo e transformando o enredo shakespeariano em um híbrido de peça teatral e documentário policial.

Quanto ao processo de encenação, a divisão de personagens ocorreu de uma forma democrática, Cada aluno poderia sugerir três personagens que gostaria de fazer dentre esses o professor indicava qual se adequava mais ao perfil de cada ator.

Minha experiência neste processo foi de assistente de direção e dar vida as personagens de *Polonius Groom* pai de Ophelia Groom, diretor financeiro da H&K e braço direito de Claudius e *Stefany Fortinbráz* herdeira e C.E.O da Northweb Entertainment, empresa rival a H&K, e no desenvolvimento da criação do enredo da “*ratoeira*” peça dentro da peça que Hamlet desenvolveu

para descobrir se seu tio Claudius Helsinger, sócio e presidente da empresa da família, havia se envolvido com a morte do seu pai.

Nessa adaptação feita em forma de espetáculo-documentário em três atos, vivenciamos uma investigação policial em torno da morte de Ophelia Groom, uma modelo e atriz na obra adaptada. No subúrbio da cidade de Leke Elsinore, no Condado de Riverside, Califórnia é encontrado o corpo da jovem boiando na piscina de sua casa, a partir disso a trama se desenvolve como lembranças documentadas em forma de uma investigação policial, para isso são coletadas os depoimentos dos conhecidos e familiares da vítima e de alguns suspeitos, esses depoimentos são projeções áudio- visuais, exibidas em telões ao fundo da cena. Um dos principais suspeitos é o namorado Hamlet King Junior, herdeiro da Helsinger&king propaganda, empresa de joias, cosméticos e modelos. Nessa trama, o Hamlet King morre subitamente em uma boate em Las Vegas, e seu filho Hamlet King Jr, volta da faculdade de Wittemberg, para sua cidade natal, para o velório de seu pai e é surpreendido com o repentino casamento de sua mãe, onde começa a suspeitar do envolvimento do seu tio Claudius na morte de seu pai, o aparecimento do Fantasma de Hamlet King, perturba a mente de Hamlet Jr, que começa duvidar da morte do seu pai. A cena tinha como elemento fixo o departamento de policia e havia repórteres que noticiavam os fatos ocorridos.

Percebemos relações entre o clássico e o contemporâneo: linguagem é atual com elementos audiovisuais, em vez de reinos disputados há empresas de moda e joias, o inimigo é uma empresa rival, mas a dor de perder um pai e o limiar de uma mente suicida tem a mesma força do *Hamlet* shakespeariano só que mais próxima de nosso cotidiano. Apesar de toda uma reciclagem da obra ainda assim, temos um Hamlet e sua essência, por mais que adaptada sua trama é tão atual quando a de sua formação original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo relatar a importância de trabalhar os clássicos teatrais, pois eles nos oferecem um grande leque de maneiras de fazer o novo, reinventar, e reciclar antigas ideias.

A experiência de trabalhar em *O Silêncio de Ophelia* possibilitou uma vivência única, porque ficou notória a atemporalidade dos textos clássicos, obras que se perpetuam tanto no passado como no presente.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HOMERO. **Odisséia.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. 5 a . edição. São Paulo: Ediouro, 2002.

PINTO Junior, Braz. Alusão e intertexto: a dinâmica da apropriação em Morte e vida severina. / **Braz Pinto Junior – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 188p.**

RIBEIRO, Marta. **O que faz de uma obra um clássico?**. Revista Poiésis, n. 11, p.191-213, nov. 200. p. 221.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. **The Arden Shakespeare.** Ed. Ann Thompson and Neil Taylor. London: Thomson Learning, 2006(a).

_____. Hamlet. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L e PM, 2005.

REVITALIZAÇÃO DO PARQUINHO DO ACAMPAMENTO DO MST MARIAS DA TERRA

Área temática: Cultura

Coordenadora da Ação: Enaile do Espírito Santo Iadanza¹

Autoras: Anna Pereira Novais²; Daniela de Jesus Souza³; Diogo da Silva Ferreira⁴;
Katiuce F. Portela Mesquita⁵, Larissa Machado⁶.

RESUMO: Este trabalho foi realizado durante o primeiro semestre de 2018, no âmbito da disciplina “Construção de Projetos Sociais Multidisciplinares”, oferecida pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília. Para cumprimento dos compromissos acadêmicos, os estudantes deveriam construir um projeto de ação prática. Este projeto ocorreu no Acampamento Marias da Terra, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, localizado em Sobradinho, Distrito Federal. Em estreito diálogo com os/as acampados/as, levando em consideração seus interesses, foi decidido que o grupo trabalharia para revitalizar o parquinho do acampamento. Assim, foi definido que seria realizada uma limpeza na área do parquinho e construída uma pirâmide de pneus e areia; uma teia de aranha; e uma mesa com quatro bancos de pneus e madeira. Também um tabuleiro para jogos de xadrez e damas. Com isso os/as estudantes contribuíram para desenvolver na criança a capacidade de resolver problemas, tomar decisões, propor saídas de situações, entre outras, mas principalmente desenvolver as capacidades de convívio e trabalho coletivo.

Palavras-chave: sem terra, diversão, acampamento, parque

1 INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surgiu durante os anos 70, em oposição ao modelo agrário excludente e concentrador da agricultura brasileira. O MST tem como bandeira de luta a Reforma Agrária das terras improdutivas e que não cumprem sua função social, mas também luta por uma

¹ Doutora em geografia e planejamento regional, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, enaile@unb.br

² Curso de Pedagogia, Universidade de Brasília.

³ Curso de Artes Cênicas, Universidade de Brasília.

⁴ Curso de Direito, Universidade de Brasília.

⁵ Curso de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília.

⁶ Curso de Ciências Ambientais, Universidade de Brasília.

sociedade mais justa, fraterna e igualitária, onde o acesso aos bens e ao trabalho seja de fato para todos (MST, 2018).

Este projeto de ação será executado no acampamento do MST denominado Marias da Terra. Este acampamento está localizado na zona rural de Sobradinho, Distrito Federal, e corresponde a aproximadamente 70 hectares da Fazenda Salve, inserida na Bacia de São Bartolomeu, uma área de grande importância ambiental.

O acampamento é composto por 140 famílias organizadas e distribuídas em Núcleos de Base, constituídos por aproximadamente 10 famílias. Conforme orientação do MST, relacionada à sua organização, cada núcleo de base possui um coordenador e uma coordenadora, mostrando que existe uma importância de levar em consideração as questões de gênero, rompendo com lógica de exclusão machista e assim proporcionando envolvimento e participação das mulheres no processo de luta pela terra.

Este projeto de extensão, dentre suas motivações, pretendeu contribuir com a qualidade de vida das pessoas que residem no acampamento Marias da Terra, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, localizado em Sobradinho, Distrito Federal. Como o acampamento se encontra distante de opções para recreação, foi proposto um espaço lúdico que pudesse também ajudar aos acampados na sua organização, visto que contribuem para tornar possível a participação dos membros da comunidade em reuniões de organização. Também ajuda as crianças na sua sociabilidade, na resolução de problemas, na busca de saídas para as situações colocadas, entre outros. Buscou-se revitalizar o parquinho propiciando aos moradores uma área de diversão, formação, interação e lazer, beneficiando todas e todos.

2 DESENVOLVIMENTO

Para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra o espaço da brincadeira é fundamental. Nele as crianças desenvolvem forma de sociabilidade, compreendem que as situações são melhor resolvidas de forma coletiva, que a cooperação e o companheirismo são essenciais para a luta. Sendo assim, este projeto de ação e seu resultado foram organizados a partir da demanda dos/as moradores/as do Acampamento Marias da Terra.

A revitalização do parquinho foi pensada para possibilitar mais brincadeiras para as crianças no sentido de desenvolverem as suas capacidades físicas, como

equilíbrio, coordenação motora, entre outras, mas, principalmente, as emocionais e sociais. O parquinho também se constitui como um espaço de aprendizado.

É por meio dele que a criança se apropria de maneira lúdica de vários conhecimentos, tornando assim o processo educativo prazeroso e divertido. Ainda, não podemos deixar de considerar o caráter social que o brincar possui, já que essa atividade não é nata de todo ser humano, mas sim aprendida através das interações sociais com outras crianças e adultos (SOARES, 2011).

A proposta de revitalização do parquinho levou em consideração os interesses e vontades dos acampados. Foram realizadas reuniões com os moradores do acampamento para perceber a importância do parquinho em sua organização e a partir daí foram definidas as ações que consistiram na construção de uma mesa e quatro cadeiras a partir de pneus e madeira; um tabuleiro de xadrez/damas; um brinquedo chamado “teia de aranha”, feito com cordas, e um castelo de pneus e areia. Esses brinquedos foram localizados em espaço já existente e que compõem o parquinho.

Para concretizar a atividade foi realizada a confecção de *flyer* para divulgação da campanha de arrecadação dos materiais necessários para o Parquinho como cimento, parafusos, madeiras, pneus e etc. Campanha divulgada em grupos de *whatsapp* e *facebook*, principalmente, da Universidade de Brasília.

Também foi realizada rifa de uma cesta com produtos orgânicos produzidos no acampamento Marias da Terra e doados pelos agricultores. Com a rifa, além de outros materiais, foi possível comprar as cordas para a “teia de aranha” e as tintas a óleo com as quais foram pintados os pneus, conforme a tabela 1 a seguir. Os trabalhos foram feitos em mutirão onde todas e todos participaram.

Tabela 1 - Itens adquiridos para a a revitalização do Parquinho e respectivos valores (R\$).

Material	Quantidade	Preço p/u	Total
Frete	1	R\$ 100,00	R\$ 100,00
Tinta Óleo	3 galões (3,6L)	R\$ 57,00	R\$ 171,00

Pincel	6	R\$ 7,00	R\$ 42,00
Thinner	1	R\$ 49,00	R\$ 49,00
Corda “de asa”	35m	R\$ 0,74	R\$ 25,90
Pregos	100 pregos	R\$ 9,90	R\$ 9,90
Cimento	1 saco (50kg)	R\$ 36,90	R\$ 36,90
Areia Média	0,5 metro ³	R\$ 97,50	R\$ 97,50

Fonte: Elaborado pelos autores.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A revitalização do Parquinho possibilitou que a comunidade do acampamento realizasse mutirão para a limpeza do espaço para a montagem dos brinquedos no acampamento (foto 1 e 2). Foi montada a “teia de aranha” (foto 3), brinquedo que possibilita o desenvolvimento da coordenação motora e equilíbrio; a construção da pirâmide de pneus e areia (foto 4), que ajuda na maior interação entre as crianças e a mesa e bancos de pneus com o tabuleiro de xadrez e dama (foto 5).

Foto 1 - Mutirão de limpeza do espaço no acampamento Marias da Terra



Foto 2 - Almoço coletivo no mutirão no acampamento Marias da Terra



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Foto 3 - Crianças do acampamento testando o brinquedo “teia de aranha”.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Foto 4 - Construção da Pirâmide de pneus no acampamento Marias da Terra.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Foto 5 - Bancos e mesa de pneus no acampamento Marias da Terra.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

A comunidade do acampamento se somou a proposta da revitalização e construção de brinquedos. A ação foi extremamente significativa, tanto que as ações extrapolaram nossos objetivos. Os acampados se sentiram motivados e, além de contribuírem com as ações propostas pelos estudantes da UnB, organizaram dois canteiros para produção de hortaliças e para formação das crianças, entre outras atividades.

É importante para a organização dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que haja espaços de socialização e trabalho. Neste sentido, o parquinho é essencial em sua organização. No acampamento Marias da Terra tem sido assim, fundamental para a formação social, política do movimento e organizativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de ação, que teve como objetivo a revitalização do parquinho do acampamento do MST Marias da Terra, mostrou que é possível fazer a interação da Universidade com populações desfavorecidas ou excluídas de políticas públicas.

Foi possível interagir com outras realidades e conseqüentemente outros saberes e assim transformar e se transformar. A interação foi tamanha que outros projetos já estão sendo elaborados o que torna a ação um sucesso no sentido da continuidade de um trabalho de melhoria da qualidade de vida e organização dos acampados.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

PARENTES, Marlene de Sousa; O Brincar como Ferramenta Pedagógica na Educação Infantil; Disponível em http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9551/1/2014_MarleneDeSouzaParentes.pdf. Acesso em 12 de junho de 2018

SOARES, Leticia Cavassana; BRINCADEIRAS NO PARQUINHO: O ENCONTRO COM AS CRIANÇAS POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA; Disponível em http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14958.pdf. Acesso em 12 de junho de 2018.